

BLIMUNDA



VIAGENS

Reflexões num gulag sobre carris
Viagem ao centro do mundo

LIVRO INFANTIL E PROMOÇÃO DA LEITURA

33.º Congresso do IBBY
XII Palavras Andarilhas

SARAMAGUIANA

Manuel Estrada em Lisboa



BLIMUNDA

#4 SETEMBRO 2012

Diretor: Sérgio Machado Letria
Edição/Redação: Andreia Brites, Sara Figueiredo Costa
Paginação: Fundação José Saramago

Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org
<http://www.josesaramago.org>
N.º registo na ERC - 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Editorial

Beja, Londres, Istambul, Irkutsk, Lisboa

Quase a terminar o verão, o 4.º número da revista *Blimunda* propõe um exercício de memória em busca das viagens que nos constroem, sejam elas reais ou literárias. Da luz de Lisboa partimos até aos confins desta hoje triste Europa para nos reencontrarmos a bordo de um comboio na fria Sibéria ou num enclave de civilizações na tórrida Istambul, fronteira para realidades que nos são distantes mas tão próximas.

Até Beja viajamos ao som das Palavras Andarilhas, ponto de encontro de pessoas que fazem do ato de contar, de partilhar, um modo de vida. Na sua XII edição, as Palavras saíram à rua para chegar mais próximo de todos aqueles que de dois em dois anos fazem da cidade do Baixo Alentejo a capital. Em Londres, o IBBY - International Board on Books for Young People organizou o seu 33.º Congresso, espaço onde durante quatro dias se discutiram políticas de promoção da leitura e problemáticas em torno da literatura infantil e juvenil sob o sugestivo tema *Cruzando fronteiras: traduções e migrações*.

De regresso a Lisboa, uma visita ao Museu do Design e da Moda que até 23 de setembro acolhe a exposição *Onde nascem as ideias. Cadernos de Equilibrista. Manuel Estrada*, mostra do trabalho do artista espanhol, um dos mais importantes designers europeus. Depois de uma passagem por Helsínquia e a caminho de Miami, a cidade de Lisboa pôde assim contactar com a criatividade do autor das magníficas ilustrações da edição especial de *A Viagem do Elefante*, e de um número infindável de capas dos mais importantes autores.

A 24 de setembro, a Fundação José Saramago receberá Manuel Estrada para uma conversa que contará com a presença dos designers portugueses Jorge Silva e Rui Garrido. Fica desde já o convite.

Sérgio Machado Letria

Leituras do mês

Juan José Millás, “Un cañón en el culo”, *El País*

As crônicas de Juan José Millás reconhecem-se pelo tom frontal, pelo estilo apoiado em analogias e exemplos de áreas temáticas afastadas do tema que escolhe como central e, sobretudo, por uma certa contundência, muitas vezes devedora de um sarcasmo que nunca compromete a inteligência da escrita e que confere às opiniões do autor uma densidade capaz de as tornar sempre merecedoras de reflexão e debate. “Un cañón en el culo”, publicado no jornal *El País* em agosto passado, provocou um efeito de rastilho quando os primeiros leitores partilharam as palavras de Millás nas redes sociais. Não é difícil perceber que, mais além das qualidades já conhecidas da prosa do autor, o texto em questão teve o condão de funcionar como uma espécie de efeito de catarse, dando forma e estrutura ao desespero generalizado perante a crise económica que a Europa e o mundo atravessam e congregando na sua sintaxe um gesto coletivo de reconhecimento perante uma descrição tão certa da realidade a que os governos do mundo têm chamado de ‘economia financeira’ e dos efeitos práticos que essa economia vem produzindo na vida das pessoas.

http://cultura.elpais.com/cultura/2012/08/13/actualidad/1344875187_015708.html

RELACIONES IMPOSIBLES: ECONOMÍA REAL-ECONOMÍA FINANCIERA

Un cañón en el culo

La primera operación que efectúa el terrorista económico sobre su víctima es la del terrorista convencional, el del tiro en la nuca

JUAN JOSÉ MILLÁS | 14 AGO 2012 - 01:21 CET

344

Archivado en: FMI Crisis económica Recesión económica Coyuntura económica España Organizaciones internacionales Economía Relaciones exteriores Cultura



Augusto Nunes, “Nelson Rodrigues, aos 100, ainda é a cara do Brasil real”, *Veja*

No mês passado cumpriram-se cem anos sobre o nascimento de Nelson Rodrigues, dramaturgo canônico, cronista maior e personagem inclassificável do mundo cultural brasileiro – capaz de despertar as maiores admirações e os ódios mais requintados, juntando o conservadorismo político e o vanguardismo sintático numa mesma tirada memorável. A revista *Veja* dedicou-lhe uma reportagem especial, assinada por Augusto Nunes, onde se traça o percurso riquíssimo do autor de *Vestido de Noiva*, o artigo passa pelos episódios emblemáticos da vida de Nelson Rodrigues, pelas frases que continuam a ecoar como autênticos oráculos (“Toda a unanimidade é burra” é uma delas) e pelas contradições que fizeram deste autor o criador obcecado de uma obra intemporal. Uma galeria de fotografias completa o artigo, acompanhando a cronologia da vida do autor e os espaços e momentos que a marcaram, das redações que pareciam ser o seu habitat natural até ao estádio do Fluminense, o clube desportivo que venerava e sobre o qual escreveu algumas crónicas inesquecíveis.

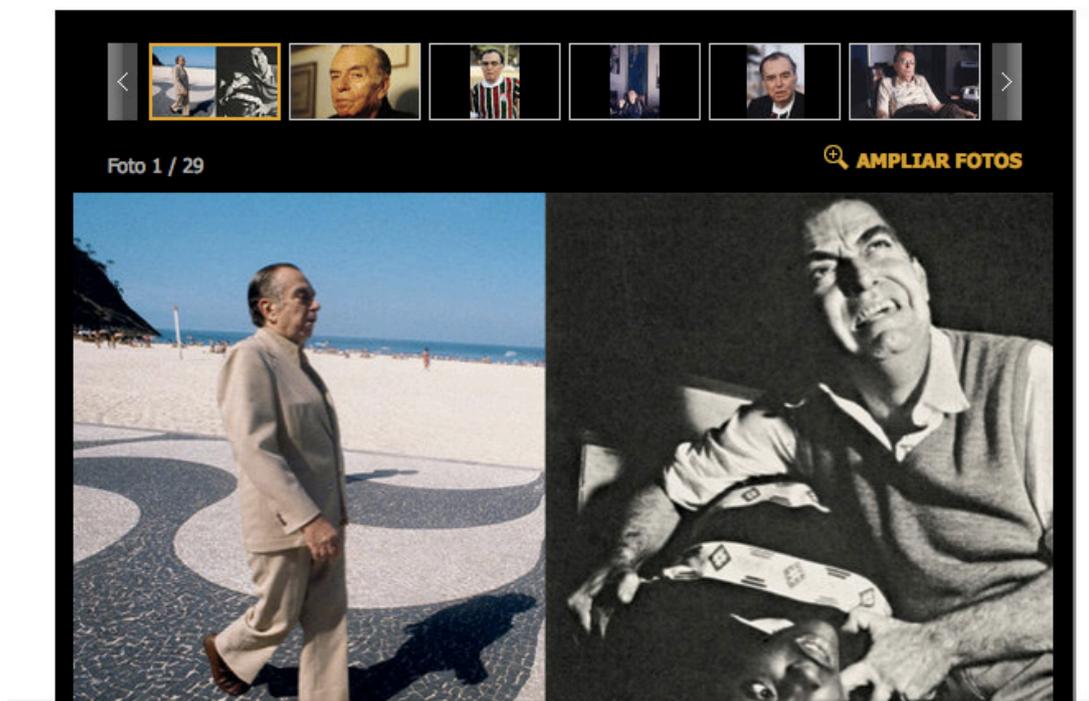
<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/nelson-rodrigues-aos-100-anos-ainda-e-a-cara-do-brasil-real>

Cultura

Nelson Rodrigues, aos 100, ainda é a cara do Brasil real

Em VEJA desta semana, reportagem narra como Nelson Rodrigues inventou o teatro brasileiro; retratou a “nova classe média” antes até de ela existir oficialmente e criou tipos que continuarão por aí

Augusto Nunes



Paulo Lins

Desde que o Samba é Samba

Ed. Caminho

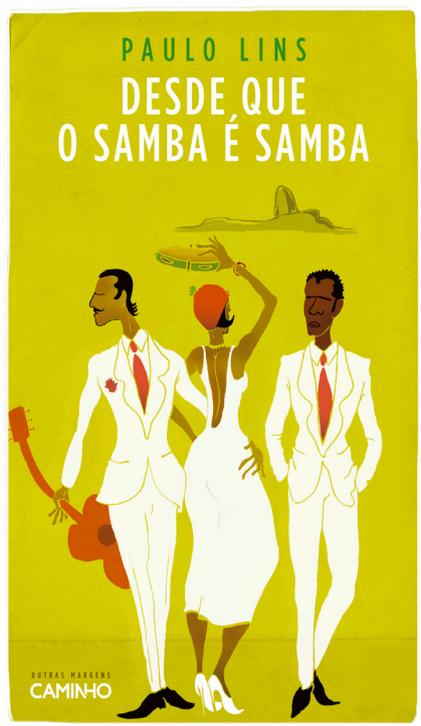
Antes de ser romance, o último livro de Paulo Lins é homenagem profunda e sentida ao samba, aos lugares que o permitiram e às pessoas que o engendraram. Ambientado nas primeiras três décadas do século passado, nas ruas do bairro do Estácio, Rio de Janeiro, *Desde Que o Samba é Samba* não esconde a sua vocação historiográfica, oferecendo referências e dados precisos na tentativa de fixar o momento em que o samba surgiu e se afirmou tal como hoje o conhecemos. A vertente histórica, predominante, convive com uma narrativa onde se cruzam as histórias individuais de várias personagens, algumas com perfil quase tipificado (as prostitutas, os cafetões, os malandros, as mães de santo), outras facilmente identificáveis com personagens reais, como Manuel Bandeira, Mário de Andrade ou Ismael Silva.

Como assinou alguma crítica brasileira, é notório que o equilíbrio entre as duas vertentes que alimentam a narrativa ameaça resvalar em alguns momentos, com as informações de carácter histórico a sobreporem-se ao vai-vem de personagens pelas ruas do Estácio, mas o narrador nunca perde o pulso à sua missão, retomando cada uma das

muitas linhas que se cruzam no romance sem permitir que este perca o ritmo. Os amores e desamores de Brancura e Valdirene, a genialidade musical de Silva, a força dos terreiros de Umbanda na coesão de uma comunidade que os de fora viam como marginal e, sobretudo, os ambientes em que todas estas personagens interagem asseguram uma coesão admirável perante as dificuldades que se colocavam a um romance com as premissas deste. São essas histórias individuais, marcadas pela miséria mas igualmente pela esperança, e a sua confluência no turbilhão que é a vida do bairro, que dão corpo à narrativa de *Desde que o Samba é Samba*. Entre a música, o sexo, a malandragem e a fé dos terreiros, Lins recria

os primórdios do samba com a dedicação dos devotos e a eficácia de quem sabe dar corpo às muitas histórias que confluem na respiração imparável da História, como se o mundo tal como hoje o conhecemos não fosse possível sem aqueles personagens, como se o bairro carioca do Estácio fosse o centro do mundo. E na prosa melodiosa de Paulo Lins, por entre desejo, esperança e música, o Estácio revela-se, de facto, o centro do mundo.

Sara Figueiredo Costa





WC BAY
MEN

Viagens

*Reflexões num gulag sobre carris
Viagem ao centro do mundo*

Reflexões num gulag sobre carris

junho 17, 2012

“Eu não sou filósofo. Aos olhos do filósofo, a guerra civil e a guerra estrangeira, tudo são guerras que ele condena — e não mais uma do que a outra... a não ser Hobbes, o dito filósofo, o que é coisa muito diferente. Mas não sou filósofo, eu: estive no campo de Waterloo, sentei-me ao pé do Leão de bronze sobre aquele monte de terra amassado com o sangue de tantos mil, vi — e eram passados vinte anos — vi luzir ainda pela campina os ossos brancos das vítimas que ali se imolaram a não sei quê... Os povos disseram que à liberdade, os reis que à realidade... Nenhuma delas ganhou muito, nem para muito tempo com a tal vitória... Mas deixemos isso. Estive ali, e senti bater-me o coração com essas recordações, com essas memórias dos grandes feitos e gentilezas que ali se obraram. Porque será que aqui não sinto senão tristeza? Porque lutas fratricidas não podem inspirar outro sentimento e porque...”

Almeida Garrett,
in Viagens na Minha Terra

Era uma vez um grupo de pessoas que se juntaram para criar um dos lugares mais agradáveis desta nação russa: a estação de caminhos de ferro de Irkutsk. Comunistas à séria, estes russos não falam uma palavra de inglês. Russos à séria, estes russos não sorriem, não interagem, não ajudam, não querem saber de estrangeiros. Um encanto.

Pois então aqui estou, estimado leitor, nesta tarde soalheira em que o sol russo brilha no céu russo e me oferece um calor russo impossível de descrever para quem não domina o idioma russo. Depois de muita passeata, boa comida, saunas e outros banhos no lago Baikal, sinto-me preparadíssimo para enfrentar três dias e mais de quatro mil quilómetros de comboio rumo a Moscovo (ou pelo menos achava eu que estava preparadíssimo, coisa que como se notará mais adiante andava longe da verdade).

Tenho comigo tudo o que é preciso para este degredo de 72 horas sobre carris: um carregamento de noodles instantâneos, uma interessante variedade de biscoitos, frutinha, água, dois livros, música e muita vontade de ser feliz. Assim vamos.

Atravessar a Rússia é como

atravessar um continente. A Sibéria, esse lugar hospitaleiro que se viu esventrado pela maior linha férrea do mundo e serviu de destino a muito boa gente com quem o senhor Estaline, como dizer, não simpatizava, é ainda hoje um destino para onde muitos viajantes partem. Os intentos não são os mesmos, a violência da paisagem continua cá.

Espreita agora comigo, leitor, para dentro da cabina que me calhou em sorte e diz-me se não parece um clássico romance russo. Eu estou à porta. Este comboio, com a bandeira tricolor a cobrir todas as carruagens, já vem cheio de Vladivostok. O meu compartimento está tomado por uma criança, uma mulher e um velho — escusado dizer que todos russos. A mulher e a menina ocupam os catres da direita, o velho estende seus pertences pelas duas enxergas da esquerda. A de cima passará a ser minha.

Sou recebido com a cordialidade glacial que caracteriza estas paragens. Devolvo um misto de afeto latino e formalidade chinesa, fruto desta dupla residência ibero-asiática que me vai moldando o carácter. E de repente aí está, o comboio já marcha!

A bordo há camas, casas-de-banho, litros e litros de água quente para fazer chá e uma carruagem-bar. E é no bar que passo estas primeiras horas, na companhia de um inglês, o pri-

meiro com quem confraternizo nesta viagem e um dos poucos estrangeiros neste comboio. É então que o staff soviético me prega uma das maiores surpresas desta rota. Depois de duas cervejas, uma mulher grande e larga e pouco favorecida pelos gracejos de Afrodite (que é igualmente deusa da beleza, não apenas do amor, meu mitológico leitor) levanta os braços e cruza-os bem lá no alto, proferindo (e proferir também não é fácil) umas frases russas que não entendemos mas que, por momentos, eu tive esperança que fossem sobre os Xutos & Pontapés. A verdade é que poucos fãs dos Xutos fazem tão bem esta cruz de braços acima da cabeça, que venho mais tarde a saber significar ‘proibido’ ou ‘encerrado’ ou ‘ponham-se

a andar daqui para fora, estrangeiros duma figa’. Antes de me explicarem que não senhor, os Xutos não têm fãs na Rússia, imagino esta moça de Super Bock na mão e lenço ao pescoço. Ainda tento cantarolar aquela da chuva dissolvente no caminho de casa, a vida malvada, digo o nome do Tim com o melhor sotaque russo que consigo amanhar, mas ela não reage. Encerrado, pois.

A primeira de três noites apertadinho dentro de um clássico romance russo (a criança, a mulher, o velho) passo-a a ler e escrever, dando ares de muito erudito a esta gente mal preparada para as intelectualidades da vida. Como Garrett, eu não sou filósofo. Mas porque será que aqui não sinto senão tristeza? Porque lutas fratri-

cidas não podem inspirar outro sentimento, lá está. Viajar aqui, atravessar na noite escura estes penedos para onde Dostoyevsky foi enviado para quatro anos de cárcere, faz-me pensar, refletir, dormir.

Dormir é das melhores coisas que há para fazer neste trem que só aqui está porque Alexandre, o terceiro, decidiu começar a rasgar a agrura siberiana no ido ano de 1891. O balançar do comboio transporta-nos para o berço da infância, somos crianças outra vez. Viva o soninho.

No segundo dia leio um romance inteiro. *A Noite Roda*, Alexandra Lucas Coelho, rico livro em que uma Ana Blau se apaixona por um León. Rico e triste, muito triste, a apontar-



-nos os nossos gulag interiores, os lugares onde guardamos as coisas que queremos reprimir. Deprimido, cansado, um farrapo de Portugal na Sibéria, decido embebedar-me com o inglês e uma mão cheia de russos.

Estou a viajar em segunda classe e há uma terceira onde eu deveria estar – em Hong Kong fizeram o favor de vender-me um bilhete mais caro. A terceira classe é um vagão ‘open-space’, em que toda a gente vê toda a gente, toda a gente ouve toda a gente, toda a gente cheira toda a gente. Muito mais divertido.

É aqui que vamos, no catre deste pequeno inglês de Liverpool que daqui a quatro cervejas de meio litro estará a cantar os Beatles e a abraçar-me como se fossemos amigos para sempre. O Michael teve pouca confraternização na primeira noite, esta rapaziada não foi muito amiga de conversar. Hoje, ao contrário, está armado o baile. Do computador saem as cantigas dos fab-four e das latas sai a cerveja Baltika que nos aquece. Há uns quatro ou cinco russos à nossa volta, que falam tanto de inglês como eu de russo (entretanto evoluí muito neste particular e já digo umas cinco palavras) e que só querem saber da nossa opinião sobre as mulheres russas (‘russsssian woman, goood? goood?’), do Cristiano Ronaldo e do Euro 2012. Pela amostra que tenho recolhido, parece que todos os

russos queriam que Portugal ganhasse o Euro. Estou convencido que até Vladimir Putin queria que Portugal ganhasse o Euro.

À nossa volta neste vagão, imagine-se, há quem tende dormir, opção que a nós nos parece de momento completamente disparatada e que não estamos dispostos a respeitar em termos sonoros. A festa segue, a noite roda e a senhora ‘providnista’ (nome russo para as funcionárias que tomam conta de cada carruagem) está prestes a espancar-nos.

Regresso à minha cabina de bem com a vida às duas da madrugada e consigo com perícia monástica manter o silêncio para não acordar o clássico romance russo (a criança, a mulher, o velho). Os russos parecem-me agora muito mais simpáticos, o mundo mais belo, a noite mais noturna. Gosto.

O dia seguinte é de ressaca. O comboio avança pela paisagem à medida que avançam também toda a ordem de coisas cá dentro, especialmente os perfumes. Imagina, leitor, como cheira alguém que não toma banho há três dias. Agora multiplica por centenas e mete tudo dentro de umas carruagens com pouca ventilação, comida, bebida, casas-de-banho. Sim, já estás a vislumbrar o paraíso. Só que ainda não acabou. Com o perfume dos outros podes tu bem, afastas-te quanto consegues, vais à tua vida. O proble-

ma é o teu próprio perfume ao fim de três dias – e afastares-te de ti próprio é um bocadinho mais complicado.

De olfato resignado, olho a janela. A paisagem é muito igual e eu não estou munido de um certo livro que para aí há em que é possível saber o quilómetro certo para olhar lá para fora. Vamos parando em várias estações, onde compramos mantimentos de alta qualidade instantânea e esticamos a carcaça, sempre sobre o olhar atento da senhora ‘providnista’.

Até que chegamos a Ecaterimburgo, já nos Urais, terra onde o senhor Estaline mandou executar o imperador Nicolau II e toda a família, incluindo crianças, num gesto de grande humanidade. O senhor Estaline disse que sim ao comunismo, o imperador que ao império... Nenhum deles ganhou muito, nem para muito tempo com a tal vitória. Para trás já ficou Tomsk, cidade que Anton Tchekhov, fazendo uma viagem parecida com esta, agradeceu com a sua pena. Tchekhov detestou Tomsk e escreveu-o. Bateu nos habitantes, nos costumes, em tudo. A cidade, muito orgulhosa de si, respondeu-lhe há poucos anos, construindo uma estátua burlesca com o título Anton Pavlovich (nome do meio do nosso autor). E este parágrafo, querido leitor, foi a zona didática desta crónica.

Sobrevivo à última noite já sem a companhia do inglês de Liverpool mas com o clássico romance russo (a criança, a mulher e especialmente o velho) a tornar-se mais interessante e a tentar comunicar comigo. De tudo quanto não posso entender, fica-me que o velho gosta muito de Brezhnev e acha Gorbachev um bandalho.

A poucas horas de atingir Moscovo, onde uma Svetlana alta e loura (a minha anfitriã de CouchSurfing) me espera na estação, alguém me diz que numa das carruagens há uma cabina de duche que pode ser usada por 100 rublos, pouco mais de dois euros. Saber disto nesta altura, depois de tanta horas perfumadas, é maravilhoso.

Chegamos. Meto a mochila às costas, faço um cruzar de braços acima da cabeça, respiro fundo e canto aquela da minha alegre casinha antes de sair do comboio e avançar para o Kremlin. Ah, leitor, as saudades que eu já tenho de um bom banho.

Hélder Beja

Jornalista, free-lancer

Vive em Macau

Texto originalmente publicado no blog

<http://viagensnaterradeles.wordpress.com>

Viagem ao centro do mundo



Antes da viagem, Istambul era a cidade histórica onde tudo convergiu, eras, povos, impérios, com a esperança de que fosse a cidade histórica respirando a passagem do tempo sem medo de chegar ao fim e não uma sucessão de vestígios do passado convivendo com o presente sem grande convicção. E ainda antes, Istambul era o próprio desejo de viajar, talvez alimentado por livros antigos e gravuras dispersas, sequências musicais onde se cruzavam monges ortodoxos e a melopeia dos muezzins e sabores que resultavam dos gestos que amassavam o pão achatado, do travo ácido e apenas experimentado em descrições gastronómicas do sumak ou da certeza de que os kebabs teriam poucas ou nenhuma semelhanças com os rolos de pão e carne que as cadeias de *fastfood* generalizaram pelo mundo. Ter tantas expectativas para uma viagem amea-

ça tudo, desde a naturalidade que parece impor-se como postura adequada para fazer frente ao turismo de excursão – mesmo que seja, quase sempre, uma postura tão forçada que arruina o seu propósito original – à abertura de espírito para confrontar o que se conhece dos livros com o que realmente se vai encontrar. O melhor, por isso, é partir de mãos vazias, ou pelo menos com a ilusão de ser possível partir com as mãos vazias.

A aproximação do momento do embarque para alguém que tem medo de voar podia alimentar páginas infindáveis de crónica ou desabafo, entre humor, devaneio tecnológico e auto-comiseração. Salva-me o encontro casual com Gonçalo M. Tavares, que se prepara para apanhar o mesmo avião que eu, e a conversa sobre a minha

eterna vontade de conhecer Istambul à beira de se cumprir. Diz-me o escritor, na fila para o embarque, que Istambul não é tanto Istambul, mas mais a ideia de Istambul, e eu fico agradecida pelo resumo instantâneo e clarividente dos meus anseios de viajante amadora. Fugindo à tentação de descrever como se viaja de avião quando se acredita piamente, com uma crença renovada a cada vinte segundos (um pouco mais espaçadamente quando vem o tabuleiro com a refeição), que a aeronave vai cair, aterremos no momento em que esse pré-requisito para chegar a Istambul já está cumprido, o calor e a humidade já demonstraram a sua presença esmagadora e a paragem dos autocarros que nos levam ao centro da cidade já está identificada por entre palavras ilegíveis cheias de tremas e cedilhas.

Entre o aeroporto e a Praça Taksim, destino escolhido graças a um hotel que promete proximidade com a zona moderna da cidade, preço confortável e um pequeno almoço que inclui as especialidades da dieta turca sem a apresentação folclórica que costuma reservar-se para os

turistas (ou seja, as azeitonas são mesmo picantes, o iogurte é amargo e o melaço é verdadeiro, escuro e pouco recomendável para estômagos fracos), há trinta ou quarenta minutos de percurso noturno. E assim que o veículo sai do nó de autoestradas e entra nos arredores da cidade, a mudança de registo torna-se clara: o traçado das ruas, os jardins e as casas podem ser tão europeus como se estivéssemos nos arredores de Lisboa, mas as mesquitas, muitas e iluminadas, e a multidão que convive nas ruas confirmam um outro modo de existir na cidade.

Comer e jejuar

Chegar a Istambul em pleno mês do ramadão é partilhar um pouco da festa de quem segue os preceitos do Islão, mesmo que nunca se chegue a jejuar. Se na viagem noturna de autocarro, primeiro olhar sobre a cidade, a visão de centenas de pessoas sentadas na relva dos jardins públicos produz aquela ilusão de deslumbramento que todas as novas visões trazem, passados alguns dias a aproximação da hora de quebrar o jejum diário



Praças e jardins são um festim de comidas, cheiros e sons, com famílias inteiras partilhando a refeição em mesas e cadeiras improvisadas ou pelo chão

torna-se uma ansiedade partilhada, mesmo que tenhamos passado o dia a provar toda a espécie de iguarias turcas. Na manhã do dia seguinte, comprando um pacote de tâmaras frescas no mercado, não deixo de sentir uma certa solidariedade pelo homem que mas vendeu, algo que rapidamente se estende a todas as pessoas que vendem alimentos, seja nos restaurantes de bairro, seja nos muitos carrinhos que fazem da cidade um bom local para experimentar os prazeres da comida de rua. Como será passar o dia a servir comida aos outros, sem poder comer também? As mulheres que fazem o pão logo pela manhã, os homens que atravessam o centro da cidade com carrinhos de arroz com grão, roscas ou fruta, os vendedores de gelados, doces ou frutos secos e os vendedores dos *pides* do ramadão, os pães achatados e fofos que começam a chegar às ruas poucas horas antes do pôr do sol e que hão de servir para o primeiro gesto que quebra o jejum, nenhuma dessas pessoas exhibe qualquer sinal de perturbação pelo facto de passar o dia sem comer. Não deixo, por isso mesmo, de lhes dedicar o meu respeito e a minha admiração, partilhando de um pouco da sua alegria nos momentos prévios ao canto do muezzin que anuncia o fim do dia. Logo depois, as praças e jardins são um festim de comidas, cheiros e sons, com famílias inteiras partilhando a refeição em mesas e cadeiras improvisadas ou pelo chão. E depois do *pide* que assegura ao corpo o regresso do alimento, seguem-se o arroz, o grão, os molhos, os peixes que talvez tenham saído das águas do Bósforo nessa manhã, o borrego com especiarias, as frutas frescas e secas e uma miríade de doces, entre baklavas, delícias turcas e outras maravilhas gastronómicas locais, todos com potencial para habitarem os pensamentos mais tentadores do jejum do dia seguinte.

Um bilhete, dois continentes



Cidades divididas pelas águas costumam ter serviços de transporte marítimo a garantir a mobilidade de quem precisa de chegar a ambas as margens. Em Istambul, as águas são as do Bósforo e os *ferry-boats* unem os dois lados da cidade ao mesmo tempo que permitem a passagem entre dois continentes.

Apanhar um *ferry* para a Ásia quando nunca se esteve na Ásia soa a capricho turístico, a coleção de geografias instantâneas que hão de permitir contar aos amigos que já se pôs um pezinho em continente alheio. Na verdade, o grande interesse de chegar à margem asiática de Istambul é ver uma outra cidade, longe do frenesi turístico, e constatar que uma pequena porção de água e a consciência de uma outra geografia produzem, de facto, os seus efeitos. Na viagem de Kabatas para Uskudar há a visão da linha do céu de Istambul, a curiosidade que quer antecipar o outro lado e uma certa familiaridade com o percurso, garantida por viagens semelhantes pelas águas do Tejo, ainda que estas não dividam continentes. Na chegada à margem asiática, a familiaridade é outra, mas nem por isso menos forte: Uskudar podia ser a Amadora, mas em versão costeira e com a paisagem urbana marcada pelos minaretes. Deve ser este o momento em que uma cidade deixa de nos ser estrangeira, quando abandonamos o deslumbramento da novidade e começamos a reconhecer as nossas memórias em ruas e edifícios que nunca vimos.

Nas ruas, muito mais mulheres com a cabeça coberta pelo lenço e quase nenhuns turistas. De resto, é a mesma agitação frenética na estrada, nos passeios, nos jardins. Em poucos metros de caminhada, dois mercados de comida, peixe fresco para cozinhar na hora, frutas, queijos, mel, ovos e as omnipresentes tâmaras. À volta dos mercados, entre uma mesquita e um centro comercial que também podia ser na Amadora, tudo se vende na rua: meias, tachos, alfaias agrícolas, pão. É muito diferente do lado europeu, é quase igual ao lado europeu.



Pamuk, çai e os bazares

Nas primeiras horas da manhã, o pouco movimento de gente e carros pelo bairro de Çukurcuma permite um passeio sossegado pelas ruas cheias de gatos que dormem ao sol, entre casas coloridas e caminhos de empedrado. Na Cukurcuma Caddesi, uma dessas casas coloridas abriga o Museu da Inocência, onde Orhan Pamuk encerrou o romance homónimo em vitrines ao longo de três andares que se percorrem com assombro. No silêncio do museu, instala-se a dúvida



sobre se Pamuk inventou Kemal, o personagem que coleciona os despojos da sua grande paixão, ou se Kemal inventou Pamuk, o romancista que lhe deu vida. Mas há uma certeza a ganhar espessura ao longo da visita, e é a que assegura que o que sobra, depois da morte, é um amontoado de bric a brac, papéis, vestígios do quotidiano a que só a memória alheia pode dar sentido.



Algumas horas em Istambul chegam para se adotar o hábito do chá. Em Roma, sê romano e aqui não é diferente. Se na primeira manhã o vício do café ainda levou a melhor, depois disso passou a ser natural pedir o *çay*, escuro, aromático e quente, em pequenos copinhos de vidro com um pires côncavo que apara os pequenos derrames. E confirma-se o efeito lido em tantos livros: com o calor no auge do desconforto, um chá quente é a melhor bebida para repôr a temperatura do corpo, oferecendo uma ilusão breve de conforto térmico. Em qualquer rua onde haja um pouco de espaço há também uma esplanada, que pode ser uma longa fiada de mesinhas e bancos baixos ou apenas algumas cadeiras enconstadas à parede. Em qualquer caso, há sempre gente para ocupar os lugares e o momento do chá, que parece acontecer a todas as horas do dia, não se perturba com os afazeres constantes que ocupam os milhares de pessoas que andam pelas ruas.

Podemos já ter lido todas as descrições possíveis, romanceadas ou documentais, da azáfama dos bazares do Médio Oriente, mas nada nos garante uma visão fidedigna do movimento que pode conter-se em tão pouco espaço. Se o Grande Ba-

zar e o Bazar das Especiarias se oferecem ao visitante com a arrumação e a ordem que os guias turísticos apresentam como exóticas, as ruas que os circundam, e onde os turcos preferem fazer compras, são um bom barómetro do muito que se transaciona nestas paragens e dos hábitos de consumo dos turcos de Istambul, pouco vistos nas bancas que oferecem chapéus de sultão, olhos de vidro azul contra o mau-olhado ou especiarias pré-embaladas, mas sempre muito ativos por entre as roupas do dia a dia, os utensílios culinários e as bancas de comida fresca. Em qualquer dos casos, observar os comerciantes dos bazares em plena atividade é uma lição de história e uma visão da cronologia concentrada no momento presente. Entre a apresentação dos produtos que têm para vender, a chamada de atenção do cliente e a discussão do preço, etapas constantes nos espaços mais turísticos como nos outros, não é difícil constatar os séculos que passaram desde que o primeiro comerciante decidiu instalar-se num determinado ponto, abrir a alcofa e começar a anunciar ao que vinha, e é como se esses séculos de venda

e regateio formassem um *continuum* que há de prosseguir pelas eras vindouras, e como se cada comerciante com quem podemos fazer negócio aqui e agora fosse um elo, uma memória viva, uma herança em constante movimento. Como se tecidos, especiarias, alimentos, animais, livros e toda a espécie de utensílios, práticos ou lúdicos, tivessem aqui o seu ponto nevrálgico de passagem pelo mundo.

Cabeça resguardada, a caminho da mesquita

Guardada a Mesquita Azul para mais tarde, a Mesquita Nova, em pleno centro da cidade, foi a minha estreia de lenço na cabeça e pés descalços. Nenhuma estranheza, nenhum embaraço. Com todas as mulheres de cabeça coberta e com os pés descalços a unirem os que a mesquita acolhe, crentes ou visitantes, estranho seria ter os cabelos à vista e os sapatos calçados. Lá dentro, numa hora que não é de oração regulamentar, há quem reze junto à parede, mas também há quem converse em pequenos grupos, quem leia e, até, quem durma deitado no chão, oferecendo



ao corpo o ar fresco e silencioso que a rua nega. Cá fora, o pátio é o encontro: solene, para quem faz as abluções protocolares antes de entrar em espaço sagrado, efusivo, para quem troca impressões à saída. O movimento, esse, não para.

Dias mais tarde, o caminho para a Mesquita Süleymanyie será diferente. Nas ruas que se afastam da zona monumental, e onde se vende e revende tudo o que conseguimos imaginar necessário para equipar uma casa, o céu ameaça desabar. Quando se aproxima a rua da mesquita, a chuva já magoa a pele, apesar de a temperatura não dar mostras de querer descer. A solução é entrar, mesmo que se quisesse passear um pouco mais, já que hora da oração ainda tarda e o estômago começa a dar sinais. Quando o céu, enfim, desaba em chuva e trovoada, o pátio da mesquita, com as suas arcadas, transforma-se em refúgio e acolhe toda a gente. De certo modo, não é diferente da época em que tanto muçulmanos como judeus e cristãos aqui recebiam apoio e alimento, e em que os viajantes surpreendidos pelo cansaço encontravam repouso no caravansarai instalado no jardim que rodeia o pátio. Passados alguns momentos de espera, com a ajuda das tâmaras que nunca me abandonaram, o som do muezzin ecoa no pátio e o eco passa a integrar o som cavo e quase impercetível que nunca nos abandona o corpo enquanto o sangue circula. A voz do muezzin ecoa e pouco importa se os que a ouvem são ou não são crentes, e de quê, porque a voz do muezzin são séculos de muezzins a cantarem como quem sabe o segredo para ligar o céu ao centro da terra, levando-nos a alma pelo caminho.

Na mesquita, não há como fugir ao lado das mulheres, cá atrás. E junto das mulheres, de cabeça coberta e pés descalços, ninguém quer saber se rezamos ou não. O imã conduz a oração e os gestos de quem reza são uma sucessão de movimentos harmoniosos e individuais, quase nunca coordenados, sempre reverentes. É como se cada um rezasse como quer e sabe.

Dias mais tarde, na Mesquita Azul, tudo será di-

Quando o céu, enfim, desaba em chuva e trovoada, o pátio da mesquita, com as suas arcadas, transforma-se em refúgio e acolhe toda a gente

ferente. O esplendor, a harmonia das estruturas e a beleza da decoração são tão deslumbrantes como prometem todos os guias da cidade, mas aqui há horas para turistas e horas para crentes. E há, sobretudo, muitos turistas, ao contrário da Mesquita Süleymanyie, onde quase todos rezavam com os gestos de quem frequenta diariamente aquele espaço. Contrastando com a beleza e a sinfonia geométrica, a Mesquita Azul cheira a chulé. Nunca pensei escrever isto num texto, e não tenho a intenção de ofender ninguém com a afirmação, mas a jornalista que sou não me deixa esconder um facto que se tornou óbvio no momento em que pisei um dos mais belos edifícios que já visitei e que passou a ser visível quando o guarda da entrada despejou metade de uma lata de *spray* desodorizante à passagem de um grupo de turistas. É constrangedor, mas é verdade. O motivo é claro: enquanto os crentes lavam os pés (e as mãos, os braços, o rosto) antes de entrarem na mesquita, os turistas limitam-se a tirar os sapatos, muitas vezes depois de várias horas de caminhada pela cidade sob o efeito de um calor abrasador. E o resultado não podia ser diferente quando milhares de turistas entram diariamente na mesquita mais esplendorosa de Istambul.

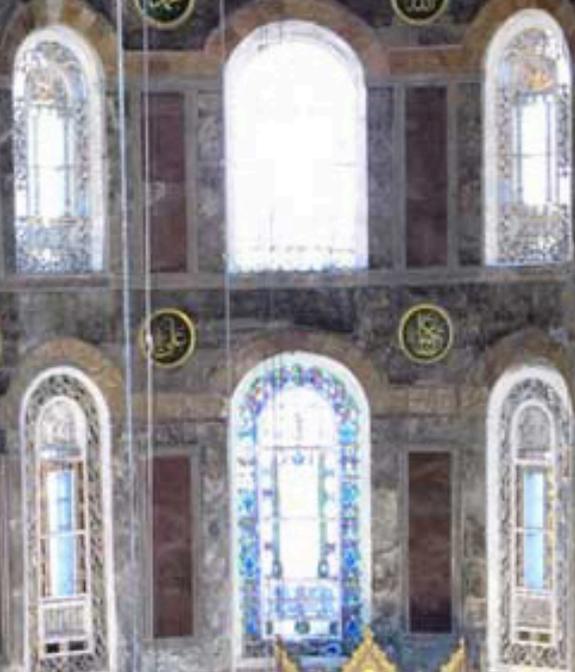
O que é o património?

Há pessoas que alimentam o sonho de escalar o Everest, outras que hipotecariam a casa para pisar o mesmo chão que uma qualquer personagem histórica (que pode ser um rei, um conquistador ou mesmo o Elvis Presley), e eu não queria morrer sem entrar na Hagia Sophia. É um desejo como qualquer outro, talvez motivado por alguns anos de convívio com textos medievais, pela leitura da história que acompanha o fim do Império Romano e a sobrevivência de Bizâncio, ou por uma certa utopia que se associa à ideia de um ponto de convívio e troca, práticas religiosas paredes meias umas com as outras, pessoas



Calligraphic medallion (shamsa) with the text: **مَوْلَانَا مُحَمَّدٌ عَلَيْهِ السَّلَامُ** (Our Prophet Muhammad, peace be upon him).

Calligraphic medallion (shamsa) with the text: **بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ** (In the name of Allah, the Most Gracious, the Most Merciful).



e bens de muitas partes do mundo convergindo num mesmo espaço, leituras e tradições que escapam das suas origens e passam a pertencer à humanidade. Será isso o património, mais do que a visão atónita de edifícios com séculos em perfeito estado de conservação ou ruínas que apenas permitem o exercício virtual de compor o quadro completo, imaginando o cenário anterior à derrocada. Na Hagia Sophia, o facto de esperar mosaicos bizantinos convivendo com gigantescos painéis de caligrafia árabe, Cristo lado a lado com a palavra do Islão, paredes cristãs e paredes muçulmanas sem que nada as distinga, não diminui a sensação de olhar de perto para um pouco do esplendor da humanidade. E no altar principal, a poucos metros do Ómphalos onde os imperadores de Bizâncio se faziam coroar com a certeza de estarem no exato ponto onde o mundo tem o seu centro, um gato dorme refastelado, alheio à história, a Bizâncio e à sua queda às mãos do que seria o Império Otomano. Nos degraus do altar, entre pedras de séculos, o gato parece saber que o património é isto, um altar que atravessou os tempos e que continua a oferecer o sossego possível para os que precisam de reparar as forças antes de novos passos em direção ao futuro.

Na cisterna da Hagia Sophia não há gatos, mas há peixes com as cores debotadas por anos de escuridão. A construção do século VI que permaneceu desconhecida durante todo o período que durou o Império Otomano arrisca outras leituras sobre o que sobra do tempo, uma espécie de incerteza perante o que conhecemos do que ficou para trás. Perante o silêncio, o eco dos passos e a visão da floresta de colunas a desafiar a perspetiva do infinito, as águas da cisterna não deixam de oferecer aquela patine de fantasmagoria do que atravessou os séculos até chegar aqui, como as Medusas de pedra em duas das colunas, ameaçando a tentação constante de olhar de frente para o que vem de trás.

Balat e a língua universal

As informações do guia apresentavam Balat

como zona nada turística, de carácter muito conservador e com alguns focos de fundamentalismo islâmico. Não há como saber a que tipo de verdade correspondem afirmações como estas, pelo que o melhor é tentar descobrir o autocarro certo e rumar ao local. Prova superada, entre indicações em turco e muitos gestos para indicar a rota certa. Já em Balat, não há como encontrar alguém que fale outra língua para além de turco, mas a generosidade dos transeuntes é notória e perante duas turistas que perguntam, em todas as poucas línguas que conhecem, qual o caminho para a sinagoga, um ancião e uma adolescente vão falando na sua própria língua, gesticulando como quem está a ser entendido, assegurando que o episódio de Babel teve efeitos mais nefastos do que a simples metáfora levaria a crer. Aponto a sinagoga no mapa. Nada. Aponto, com um gesto largo, todo o mapa, e depois o chão debaixo dos nossos pés, pedindo, já em português, que indiquem o local onde nos encontramos. Nada. Ao fim de alguns minutos de desentendimento linguístico atravessado pela endémica vontade de comunicar, o ancião aponta uma direção, logo aceite como boa. Confirma-se. E ainda que a sinagoga esteja fechada ao público, o passeio por Balat merecia todas as desorientações geográficas. Não há aqui nada da Istambul turística do centro. Na rua, só se veem homens, sentados à porta das lojas e dos cafés, bebendo chá, fumando. Olham-nos atentamente, com curiosidade, sem nenhuma malícia visível. Mulheres, só mais adiante, quando o bairro já se fechou à avenida dos autocarros e passou a ser uma comunidade com fronteiras definidas. Todas de cabeça, rosto e corpo bem tapados, apenas os olhos à vista. Na procura da igreja bizantina do Pamakaristos, um homem apresenta-se como jugoslavo e desata a falar numa língua que não é turco, mas que também não faz o seu caminho de sentido até ao meu cérebro. Fala na sua língua, obtém respostas em português, e agora já não há Babel que nos impeça de comunicar. Suponho que o homem aponta o caminho para a igreja enquanto fala

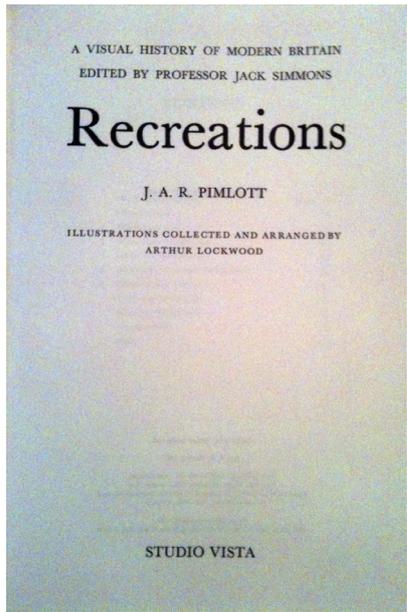
do bairro, e isto por causa dos gestos que faz. A dada altura, pergunta em inglês pelo sítio de onde vivemos. A resposta fá-lo sorrir, mas não sei se apenas por simpatia ou se por qualquer outra coisa. Fala da Jugoslávia, dizemos que deve ser bonito, mas quando invoca o nome de Tito, com olhos brilhantes de felicidade e o gesto universal de coisa boa (que também serve para pedir boleia, vá-se lá saber porquê), temos de responder que isso já não nos entusiasma por aí além. Não sei se percebeu que as visões políticas não tinham como unir-nos, ainda que nos una a vontade de comunicar.



A igreja do Pamakaristos é tudo aquilo que a herança bizantina de Istambul já tinha confirmado, mas deixo o deslumbramento perante os mosaicos, as pedras e o silêncio para o meu caderno de notas. Prefiro partilhar a viagem de regresso ao centro e o momento em que, no autocarro, o cartão eletrónico de módulos se revela sem dinheiro suficiente para duas viagens. Pergunto ao motorista quanto é o bilhete e percebo que não posso comprá-lo no autocarro. Aponto para a rua, perguntando por um local que venda bilhetes, mas não há. Pergunto, enfim, como resolvemos a situação, se por ali não há como comprar bilhetes, se o cartão não tem dinheiro que chegue, se preciso de regressar a Eminonu. O motorista levanta-se e pergunta alguma coisa aos passageiros que estão sentados. Um homem levanta-se e inicia o gesto de usar o seu próprio cartão de módulos para descontar a viagem que nos falta. Julgo que é uma forma prática de resolver uma falha do sistema de transportes e

preparo-me para lhe dar as moedas que correspondem ao valor da viagem, 1,75 liras turcas, mas o homem recusa. Insisto, motivada pela educação, mas o homem volta a recusar e é nesse momento que percebo que a minha insistência está à beira de o ofender. Com a barba por fazer, as roupas simples e surradas e a sacola de quem se prepara para regressar ao trabalho, o homem está a oferecer muito mais do que as quase duas liras turcas da viagem, que provavelmente lhe farão diferença no orçamento mensal. O seu gesto diz-me que há mais história no socorro a uma turista incauta que veio de Lisboa para visitar a sua cidade do que em todas as pedras que eu admiro desde que aqui cheguei e que há mais séculos de humanidade nesse socorro do que em qualquer apreciação erudita sobre o ponto onde se cruzam, desde sempre, povos e tradições. Agradeço, ‘teshekur ederem’, com gesto de reconhecimento. A generosidade e a hospitalidade são parte essencial do património religioso do Islão, bem como do património humano dos povos do Mediterrâneo e do Médio Oriente, e nenhuma visão da Hagia Sophia ou da azáfama dos bazares deixou isto tão claro como este homem no autocarro que vem de Balat, o bairro que o guia turístico me disse para rezear e onde Istambul foi a ideia de Istambul longe do centro nevrálgico de Istambul.

Sara Figueiredo Costa
Fotografias © Sílvia Moldes



J. A. R. Pimlott
Recreations
Studio Vista
1968
5,00 €

Comprado na Feira do Livro de Lisboa,
ala dos alfarrabistas

Uma tarde passada entre as bancadas da ala dos alfarrabistas, na Feira do Livro de Lisboa, pode proporcionar encontros há muito adiados, mas o mais certo é que garanta meia dúzia de descobertas inesperadas. Por entre velhas coleções de postais, livros fora de mercado há pelo menos duas décadas e alguns *bestsellers* entretanto caídos em desgraça podem estar pequenas preciosidades. Foi assim com *Recreations*, um dos volumes da *Visual History of Britain*, preciosidade que só se encontraria na secção de importação e pela qual teríamos de pagar um pouco mais do que o desejável em tempos de crise.

Da autoria de J. A. R. Pimlott, responsável por vários livros sobre história da cultura e da sociedade, *Recreations* analisa o papel que o entretenimento, nas suas mais variadas formas, tem desempenhado na vida das comunidades ao longo dos tempos. O contexto é o da Grã-Bretanha, e sobre os vários povos que passaram pela ilha

e por lá se fixaram há documentação suficiente para Pimlott nos dar uma noção muito precisa de alguns desportos coletivos, jogos, danças e outros momentos recreativos ali praticados. Apesar dessa especificação geográfica, a reflexão que o autor faz sobre o modo como certas práticas se refletiam no dia a dia da comunidade e sobre o modo como, em muitos casos, resultavam de condicionantes impostas a essa mesma comunidade (naturais, como no caso dos jogos e desportos aquáticos), reflete claramente uma relação que é comum à humanidade, por mais que os desportos, as danças e as práticas de entretenimento e diversão assumam características diferentes à medida que vamos atravessando as eras e o globo.

Jogos de cartas e de tabuleiro, danças de roda ou de salão, desportos como o críquet e a natação, corridas de cavalos, espetáculos circenses, viagens a que hoje daríamos o nome de turismo, jogos com bola, incluindo aquilo a que poderíamos chamar os primórdios do futebol – se na Idade Média se falasse de futebol – apresentam-se através dos seus registos mais antigos, devidamente enquadrados na sociedade da época, seja essa época a Idade Média ou o pós-Revolução Industrial.

A acompanhar o trabalho de documentação, análise e enquadramento de J. A. R. Pimlott, uma seleção de imagens selecionadas por Arthur Lockwood, cujo nome merecia figurar em coautoria, já que o interesse do livro se reparte equitativamente entre o texto e o material iconográfico que o acompanha. Organizadas cronologicamente, as imagens registam cavaleiros medievais em torneios amigáveis, ensinamentos sobre como nadar corretamente, bailes, viagens ou assistências vibrando com corridas de cavalos, entre muitas outras práticas que confirmam que o que mantivemos, enquanto espécie humana, ao longo dos séculos é tão importante para o que nos define como tudo aquilo que fomos capazes de mudar.

Sara Figueiredo Costa

Projetos pelo mundo

Uma árvore na Patagônia



Foi há vinte anos que um grupo de pessoas reunidas à volta de uma mesa decidiu agitar os dias de Trelew, cidade da Patagônia argentina. Da reunião de algumas vontades e muitas ideias nascia, então, El Árbol (www.elarbol.org.ar/), uma associação cultural sem fins lucrativos vocacionada para a promoção cultural. Em conversa com a *Blimunda* via mail, María Eugenia Correas, uma das associadas de El Árbol, resumiu assim o génesis da associação: “Um grupo com cerca de 15 pessoas – artistas, intelectuais, comunicadores – farto da inação do estado neoliberal, decidiu que era preciso deixar de reclamar, de queixar-se, e passar a fazer. A primeira reunião aconteceu em julho de 1992. Quando chegámos à terceira reunião já estávamos a decidir que armazém íamos alugar de entre os que tínhamos encontrado e, no fim de outubro, ocupámos o espaço.” Foi assim que o lugar de uma antiga metalúrgica de Trelew se transformou em sede e passou a acolher as atividades imaginadas e postas em prática pelos associados de El Árbol. E têm sido muitas as pessoas que, ao longo destas duas décadas, passam por ali para contribuir, com maior ou menor regularidade, para o ambicioso programa de atividades da associação: “O processo foi, e continua a ser, comprido e de sacrifício: não temos fins lucrativos, pelo que cada um tem o seu emprego

e investe no El Árbol o tempo que pode. Muitíssima gente tem participado. Muitíssima, repito, ao longo destes vinte anos. Alguns ainda estão (estamos), outros foram chegando e partindo. Também há os que partiram e depois voltaram; por exemplo, os que foram estudar para Buenos Aires e regressaram a Trelew para exercer a sua profissão, quase sempre sem ligação com o meio artístico (médicos, dentistas, arquitetos, economistas), retomando o seu trabalho em El Árbol, ajudando a fazer música, participando em ateliers literários, de cinema, de teatro... Como se explica em alguns textos do nosso site, a adesão da comunidade ao projeto foi imediata, sobretudo por parte dos jovens, mas também dos adultos. Somos muitos, ainda que o tempo de participação possa ser breve e esporádico, mas estamos sempre a crescer.”

Um dos grupos que integra El Árbol, o Ampoya, já existia antes da própria associação e a sua integração no projeto coletivo acabou por ser um processo natural de juntar esforços e fazer convergir ideias. Foi, de certa forma, o que aconteceu com os vários habitantes de Trelew que se foram juntando à associação, quer de modo mais efetivo, passando a integrar o núcleo ativo de El Árbol, quer colaborando com atividades pontuais. Com o crescimento do projeto, El Árbol acabou por expandir o seu raio de ação, abrindo portas à participação de outras comunidades para além da cidade de Trelew. “Gaiman e Puerto Madryn contam muito connosco e por aí se criam circuitos de atividades. Por exemplo, no mês passado um grupo de Puero Marín fez várias representações para alunos da primária, entre os 6 e os 12 anos, de escolas de Trelew, e há um coro de Gaiman que costuma atuar na nossa sala. Para além disso, El Árbol e o grupo Ampoya são referências fortes quer em localidades mais afastadas aqui da província (Comodo-

ro Rivadavia, a 300 km, Sarmiento, a 500 km, Esquel, a 700 km, e outras) quer no âmbito regional, ou seja, em cidades das províncias de Río Negro, Neuquén, Santa Cruz, Tierra del Fuego e também La Pampa. Fundamentalmente, esta ligação acontece por via do teatro.”



Se o teatro, a par com a música, é um dos eixos centrais do trabalho de El Árbol, isso nunca impediu que outras atividades e expressões fossem ganhando o seu espaço. Recitais, ateliers, um estúdio de gravação e algumas digressões fazem parte do currículo da associação, juntamente com cursos de literatura, oficinas de promoção da leitura ou ciclos de cinema, entre outras propostas feitas pelos associados e pelas pessoas que se vão juntando, pontualmente ou com maior compromisso, ao trabalho coletivo. Muitas vezes, é a partilha de saberes que cria novas propostas, cruzando cinema e teatro, música e literatura, literatura e filosofia: “Há uns cinco anos conduzi um atelier intitulado ‘Leitura e Filosofia: uma leitura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*’, que abordou a leitura filosófica (não literária nem religiosa), e houve uma participação muito grande”, conta María Eugenia.

A auto-gestão e a capacidade de pensar, produzir e transformar em realidade os seus projetos são características que definem a identidade de El Árbol desde o seu início. Espetáculos teatrais, gravação de música ou recitais de leitura devem a sua existência às pessoas que se lembram de os fazer existir e que por eles se responsabilizam,

dividindo tarefas e partilhando responsabilidades, um método de trabalho que é a própria razão de existir da associação. É por isso que não se estranha o desejo de María Eugenia Correas de que, no futuro, as coisas prossigam tal e qual como estão: “O que posso dizer é que queremos é continuar como até agora. Sabemos que novos projetos nos vão chegar e chegarão melhor ainda se vierem acompanhados pelas pessoas que os tomarão a seu cargo, para que não tenhamos de nos multiplicar ainda mais em tarefas novas. Tem sido assim nos últimos anos e assim é que deve ser: não deixamos de nos responsabilizar, como ‘donos da casa’ que somos, mas quem tiver um projeto encarrega-se de o concretizar”. E assim planeiam continuar, pelo menos pelos próximos vinte anos.

Literatura infantil e juvenil

AS CIDADES SÃO
ESPAÇOS RODEADOS
DE PALAVRAS POR
TODOS OS LADOS;
AS PALAVRAS SÃO
CIDADES RODEADAS
DE PESSOAS POR
TODOS OS LADOS,
E AS PESSOAS SÃO
ILHAS RODEADAS DE
SI POR TODOS OS
LADOS.

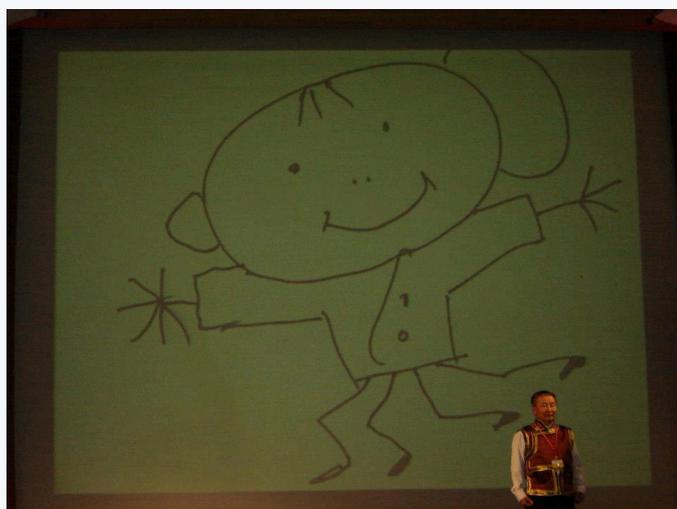
MARIA TERESA
MEIRELES

Num mês dedicado às viagens, viajamos pelas palavras. Não é clichê de Londres, onde decorreu o Congresso do IBBY directamente para as Palavras Andarilhas em Beja que, de tão boas que foram, deixaram rasto nos destaques de dois livros que por lá se lançaram.

Diário de uma viagem ao território dos livros para crianças. O 33º Congresso Internacional IBBY

Participar num congresso IBBY é sempre uma experiência única. Independentemente da maior ou menor qualidade das intervenções e dos convidados presentes, da logística e organização dos espaços, refeições, cerimónias e galas, da quantidade de materiais oferecidos, a verdade é que cada congresso significa um reencontro de amigos, mesmo com aqueles que ainda não conhecemos.

O espírito IBBY junta na mesma sala, às vezes em cadeiras contíguas, delegados oriundos de países próximos e longínquos, amigos e hostis, solidários e rivais. A variedade de rostos e traços físicos, roupas e sotaques é tal que é impossível não perder algum tempo a olhar em volta.



A questão da promoção da leitura e da literatura para a infância, tal como previu Jella Lepman, une os participantes, esbate diferenças e derruba, inclusivamente, muros e obstáculos. Desde logo o da língua. A sensação de entrar em Babel não deve ser muito distinta da de participar num congresso deste tipo, juntando várias centenas de pessoas, oriundas de várias dezenas de países. E ainda que a língua de comunicação mais usada seja o inglês, nas suas múltiplas

variantes e registos, a verdade que é todos vão comunicando, com mais ou menos esforço, em múltiplas línguas, ajudados pelos gestos e pelos sorrisos.

É, talvez por isso, mais do que pelo programa oficial, que o apelo do IBBY, apesar dos elevados preços da inscrição, é irresistível. A certeza – ou pelo menos a esperança – de que, durante quatro dias, partilharemos juntos uma espécie de território especial, habitado por livros coloridos escritos em muitas dezenas de línguas diferentes. Regressamos, todos, ao mundo mágico das histórias, das ilustrações, sentindo-nos crianças a quem contam novamente os contos da infância.

É claro que, para além desta sensação mais ou menos subjetiva, há trabalho intenso de divulgação, promoção e intercâmbio científico. Reúnem-se grupos profissionais, trocam-se experiências e contactos, divulgam-se projetos e preparam-se inúmeras iniciativas futuras. Mas nunca se perde, talvez porque nos tutela a figura de Hans Christian Andersen, o contacto com os livros, que enchem prateleiras, mesas e escaparates, que são vendidos e trocados como preciosidades.

Subordinado ao tema “Crossings Boundaries: Migrations and Translations”, o congresso prometia questionar e refletir sobre um número variado de questões ligadas à tradução da literatura para a infância, mas também ao tratamento que os livros para os mais novos dão a questões tão atuais quanto problemáticas como a imigração, os exílios, as diásporas, a integração dos refugiados, a exclusão social, o racismo e a xenofobia, a multiculturalidade, entre muitos outros.

23 de agosto 2012

O primeiro dia do 33º Congresso Internacional do IBBY superou largamente as expectativas (e no meu caso eram bem elevadas, uma vez que este era o terceiro congresso em que participo). Mais do que a organização - praticamente sem

falhas e com uma simpatia e gentileza admiráveis - a qualidade das intervenções foi de alto nível. A abertura, com Anthony Browne, Julia Donaldson e Michael Morpurgo, todos Children's Laureates, prometia e todos eles, num estilo pessoal e inconfundível, cumpriram.



Michael Morpurgo

Aprendi, ri e chorei (mas eu emocionou-me em muitas sessões) com as intervenções dos criadores, muito autênticas e marcantes. Estiveram ainda acessíveis, deram autógrafos e falaram simpaticamente com os participantes. Primeira conclusão do dia: a necessidade de ler o Michael Morpurgo. Se a obra for tão interessante como a pessoa, vai valer a pena. É o autor do livro que o Spielberg adaptou ao cinema, “Cavalo de Guerra”, e tem outros títulos traduzidos para português. Explicou, com graça e mestria, a origem da ideia do Children's Laureate e o trabalho que desenvolveu durante os dois anos em que desempenhou essas “funções”. Cantou - ‘Only Remembered’ da adaptação teatral do livro *War Horse* e colocou o público a cantar também. As histórias das múltiplas viagens realizadas, nomeadamente na Escócia, na Rússia e no Afeganistão permitiram perceber a sua atenção ao universo e ao olhar infantil.

Anthony Browne, num registo mais formal, mas igualmente comunicativo, deu conta do trabalho que desenvolveu promovendo a atenção em relação ao livro ilustrado/álbum e às suas inúmeras qualidades e potencialidade. Queixou-se

da desvalorização constante de que este tipo de publicação é vítima, considerado como um género menor, para crianças muito pequenas. As questões da literacia visual e da promoção da competência leitora ao nível das imagens foi exemplificada através da observação de algumas páginas e imagens dos seus livros, que foi explicando e comentando. Infelizmente, nenhuma das obras utilizadas está traduzida para português: *Willy the Dreamer* e *Voices in the park*. Explicou também o seu processo de criação, nomeadamente o sentido da inclusão de muitas informações adicionais nas ilustrações, completando o sentido do texto, criando uma determinada ambiência emotiva, dando pistas para outras associações, nomeadamente artísticas.

Seguiu-se a entrega dos prémios Asahi de promoção da leitura para a organização argentina - Abuelas Cuenta Contos - <http://www.abuelascuentacuento.org.ar> - e para os cambodjanos SIPAR - <http://www.sipar.org/?siparlang=en>. Os discursos e as apresentações ilustram bem o trabalho que é feito, muitas vezes no anonimato e em condições particularmente adversas, em favor da promoção da leitura e da literatura infantil.

24 de agosto 2012



Bart Moeyaert e Aidan Chambers

No segundo dia de trabalhos, destacaria, para além da qualidade da conferência “Why translate children's books?”, por Emer O'Sullivan, a mesa que reuniu Aidan Chambers e Bart

Moeyaert, uma espécie de conversa animada sobre as opiniões pessoais dos dois escritores e tradutores sobre as múltiplas problemáticas da tradução literária.

Na sua conferência, Emer O'Sullivan questionou as razões e as intenções da tradução da literatura para a infância e a juventude, assim como realçou o facto de os países que “exportam” para literatura infantil, nomeadamente os Estados-Unidos e o Reino Unido, serem justamente os que menos importam e, logo, os que menos traduzem, não deixando de sublinhar que a tradução pode ser um instrumento relevante de promoção do conhecimento do outro, de integração e de abertura da diferença. Os escritores convidados partiram da reflexão da investigadora para darem conta de experiências pessoais sobre o assunto. Defenderam que o tradutor - como o próprio autor - necessita de se aproximar o mais possível do universo das personagens de modo a encontrar a “voz” certa para lhes dar vida numa nova língua.

Aidan Chambers foi mais longe ao afirmar que o tradutor, como o escritor, tem que ser habitado pelo herói, numa curiosa sugestão de “possessão” criativa... A questão da especificidade do destinatário dos textos que cria, para este relevante romancista, tradutor, editor e estudioso da literatura para jovens, não se coloca. Não escreve para crianças, para jovens ou para adultos. Escreve simplesmente e caberá aos mediadores - nomeadamente aos editores - encontrarem o público certo para os livros (e os leitores também procuram os livros). Assim, a literatura infantil é reconduzida ao seu estatuto estético, enquanto objeto criativo independente da função educativa ou moralizadora.

O segundo dia terminou com uma apresentação da secção basca (do IBBY espanhol) “Flying Over Paper”. Foi particularmente interessante e conseguiu passar a mensagem da riqueza e qualidade de literatura basca. Há alguns anos que acompanho o trabalho de alguns investigadores deste âmbito linguístico e surpreende-me a

forma como conseguem divulgar a sua língua, cultura e literatura além-fronteiras. Devíamos, os portugueses, aprender com eles. É certo que temos excelentes autores e obras, mas isso não basta. É preciso um esforço contínuo, sério e empenhado na divulgação e na tradução. Esse devia ser o primeiro e grande papel das secções nacionais do IBBY, em particular da portuguesa, atendendo ao lugar marginal que a literatura para crianças e jovens portuguesa ainda ocupa no contexto internacional.

Pelo meio, durante todos os dias, houve várias intervenções paralelas, nas várias salas a funcionar em simultâneo, sobre tradução, imigração, diáspora, exílio, fronteiras e barreiras. Em termos globais, a qualidade das intervenções a que assisti foi elevada, à exceção de um ou outro caso muito pontual. Houve, ainda, a apresentação de posters, que estiveram em exibição durante todo o congresso.

25 de agosto 2012

Para os “pássaros madrugadores” o congresso preparou sessões especiais (Earlybird sessions), que começavam às 8 da manhã. No dia 25, a sessão matinal esteve muito concorrida para ouvir a delegação japonesa e assistir à apresentação de um painel sobre os projetos levados a cabo após a catástrofe provocada pelo terramoto, pelo tsunami e pelo desastre nuclear de Fukushima.

Com o objetivo de divulgar o trabalho desenvolvido, mas também de sensibilizar os presentes para a sua importância, com vista à obtenção de apoios que consubstanciem a sua continuação por mais algum tempo, as intervenções foram marcantes, emocionando a assistência. O trabalho desenvolvido passou pela angariação de livros, a sua organização em bibliotecas, nomeadamente de cariz itinerante e/ou a sua distribuição pelas crianças e as famílias. Seguindo o trabalho de Jella Lepman (1891–1970), fundadora do IBBY, que, no final da segunda Guerra Mundial, depois de ter escapado para o Reino Unido, regressou à Alemanha, onde desenvol-

veu trabalho relevante na promoção da paz e da tolerância através da literatura para a infância, fundando a *Youth Library in Munich* em 1949, também os mentores dos vários projetos apresentados revelaram essa inabalável confiança no poder reparador e consolador dos livros ilustrados junto das crianças sobreviventes da catástrofe.

As “Notícias do Japão”, título genérico do seminário, incluiu três intervenções distintas, “Books for Tomorrow: Supporting Children in Disaster-Stricken Areas through Books”, “To the Children of Fukushima, and for Children with Special Needs” e “Picture Books for Children of the Tsunami-Devastated Area”, todas elas ilustradas por imagens e filmes que, simultaneamente, ilustraram a devastação ocorrida, mas também os resultados das intervenções realizadas, revelando o seu sucesso e a sua necessidade de continuação.



Shaun Tan

Mas o momento do dia foi sem dúvida a muito aguardada intervenção de Shaun Tan. Intitulada “Arrivals and departures”, a conferência revelou-se um percurso pelo seu trabalho criativo, desde a génese até ao momento presente, explicitando as suas origens, influências e raízes e a forma como elas o marcaram para sempre.

A ilustração, para o criador já distinguido com um óscar da academia e o prémio ALMA, funciona como forma de comunicação privilegiada, tornando evidentes as ideias quase sem neces-

sidade de palavras. Em relação ao tema do congresso, confirma a importância de que se reveste na sua obra, marcada por questões como a imigração, mas também a problematização da integração e a necessidade de pertença. De alguma forma, o tema da exclusão sempre esteve presente no seu percurso pessoal e criativo. Cresceu num país no qual a família não possuía raízes, e o facto de se sentir estrangeiro, um pouco inadaptado (como possivelmente todas as crianças, independentemente das suas origens), marcou-o de forma indelével. Uma das suas obras mais conhecidas – *The arrival* –, traduzida para português com o título *Emigrantes*, é um pouco o resultado desse sentimento.

Baseada na sua própria experiência de vida (e da sua família), exprime um desejo mais abrangente de recriar uma experiência universal de migração, tão antiga, variada e geograficamente dispersa como a própria humanidade. Assim, e de algum modo, procurou transformar todas as histórias de imigração numa única história com a qual os leitores, migrantes ou não, se pudessem identificar. Em termos criativos, interessa-lhe contar uma história onde realismo e fantástico se combinam de modo a que ela se torne “verdadeira”. Por exemplo, em *Emigrantes*, surgem, muitas vezes através de metáforas sugestivas e inquietantes, ou transformados em universos e motivos fantásticos, os problemas universais de comunicação, as diferenças em termos de paisagens e costumes, ou a estranheza em relação à comida.

Shaun Tan considera os leitores como cocriadores dos seus livros e revela a vontade constante de deixar espaços em branco para os leitores preencherem e transformarem os enredos em histórias suas e pessoais. O surrealismo que caracteriza os seus trabalhos resulta muito mais de um certo olhar infantil sobre o mundo do que um “artifício” estético, às vezes indicador da incompreensão e estranheza sobre o que o rodeia.

A estranheza é, aliás, um dos motivos mais recorrentes nas suas criações, como se pode ve-

rificar quer em *The lost thing*, que discute a questão da pertença. O que lhe interessa são sobretudo as respostas emocionais ao que cria. Que sentimentos e que pensamentos inspiram nos leitores? E os livros são sempre concebidos como destinados a colocar questões e não a dar respostas.

A riqueza da intervenção e a variedade de questões abordadas não permitem que, em poucas palavras, se possa resumir. Acessível, profunda, divertida e assumidamente humilde e pessoal, a intervenção ficará na memória de todos os presentes – que encheram completamente o grande auditório do Imperial College – como um dos melhores momentos do 33º Congresso Internacional do IBBY.

A manhã, dedicada à ilustração, contou ainda com um painel de ilustradores, todos eles com uma história pessoal diretamente ligada ao tema, com percursos curiosos de passagens de várias fronteiras e cruzamentos de diferentes línguas e culturas. Kitty Crowther, Shirin Adl e Chen Jiang Hong falaram brevemente da relação existente entre as suas criações e as suas raízes, refletindo sobre a ilustração e suas características e relevo.



Lista de Honra do IBBY

A tarde foi dedicada à apresentação dos livros – escritores, ilustradores e tradutores – da seleção da Lista de Honra do IBBY, a que se seguiu a tradicional entrega de diplomas. Os portugueses Afonso Cruz e Bernardo Carvalho, selecionados

para a prestigiada Lista, não estiveram presentes e Portugal também não nomeou nenhum livro para a categoria tradução. Esta última opção não deixa de ser estranha, atendendo à quantidade e variedade da publicação estrangeira no nosso país.



Portugueses na Lista de Honra do IBBY

O dia – ou a noite – acabou em grande, com a cerimónia, muito concorrida e há muito aguardada, da entrega dos Prémios Andersen 2012 a María Teresa Andruetto e Peter Sís, no Science Museum.

Os discursos foram breves mas particularmente eloquentes, combinando emoção com a enumeração de um conjunto de ideias-chave, que, quer no caso da literatura, quer no caso da ilustração, se revelaram particularmente pertinentes, manifestando o desejo de legitimação efetiva deste tipo de produção artística e o reconhecimento, por parte de todos, das suas qualidades estéticas. Escrever e ilustrar para crianças é, como para adultos, criar produtos estéticos que vivem muito para lá de um público específico, caracterizado por uma determinada faixa etária, como de forma reiterada, instituições como o IBBY, nomeadamente através da criação dos Prémios Andersen, têm vindo a defender.

26 de agosto 2012

Depois de um painel sobre recriação da tradição oral, com a participação de três autoras que têm revisitado e reescrito literatura tradicional

a partir de distintos universos culturais, Jamila Gavin, Elizabeth Laird e Beverley Naidoo, intitulado “Since time immemorial: stories from everywhere for everyone”, seguiu-se uma sessão de contadores de histórias de origens e contextos diferentes, composta por Dashdondog Jamba (Mongólia), Sonia Nimr (Palestina) e Michael Harvey (Reino Unido).

A conferência de Patsy Aldana, com o título “How can we live together? Giving everyone a voice”, deu conta do seu trabalho editorial, no Canadá, em favor de um edição para crianças representativa da multiculturalidade do país, procurando mitigar os problemas de integração, e a exclusão social, retratando, por exemplo, vivências de imigrantes e de grupos minoritários, habitualmente esquecidos e silenciados. Acredita e defende que a diversidade cultural, étnica e linguística tem que ser entendida como força e como riqueza, como desafio e enriquecimento pessoal e social e a literatura desempenha um papel especial como instrumento de integração, apesar dos ataques e críticas que o multiculturalismo tem conhecido. Destaca o trabalho, a ação e os valores fundadores do IBBY como estando diretamente ligados à promoção do respeito e à valorização da riqueza que resulta da variedade e dos encontros de culturas e línguas.

Entendidos quer como espelhos quer como janelas, na belíssima metáfora já usada para caracterizar a literatura para a infância, os livros para crianças revelam-lhes o mundo próximo e reconhecível, mas também lhes abrem as portas do que é diferente, próximo ou longínquo, apelando a uma cultura de aceitação e de integração da diferença.

Michael Rosen concluiu a manhã do último dia do congresso com uma conferência intitulada “Migration - towards a new normal”, referindo-se ao processo de migração como sendo normal da espécie humana, uma espécie de característica biológica. Esta tendência é, contudo, na sua opinião, aproveitada politicamente, sendo alvo das mais variadas interpretações e utiliza-

ções. Particularmente crítico da posição política atual dominantes sobre minorias, imigração e multiculturalidade, procedeu à leitura de um conjunto significativo de textos poéticos da sua autoria, revelando como estas preocupações são transversais na sua escrita, mas também no seu percurso de vida. Com ascendência judia, no centro e leste da Europa, conhece de perto as consequências das perseguições e da intolerância e, nos seus textos, consegue inclusivamente parodiar comportamentos claramente xenófobos e racistas, apelando a um sentido de memória, mas também à capacidade de ver cada ser humano como um indivíduo único e irrepetível, evitando preconceitos e estereótipos.



Michael Rosen

O público não ficou indiferente à extrema expressividade do poeta, e à variedade de registos com que, durante largos minutos, brindou o público, estabelecendo com ele uma singular empatia. Conhecido em Portugal sobretudo como o criador do texto do álbum narrativo *Vamos à caça do urso*, falta-nos conhecer, por via da tradução e edição, outras facetas de um poeta ativo e interventivo cujo percurso e obra, no Reino Unido e em outros países, tem sido alvo de várias distinções.

Notas finais

Uma palavra final para a representação portuguesa no evento, reduzida à apresentação de duas comunicações – uma delas em coautoria com um delegado argentino - e um poster, ten-

dência que, aliás, já se vem mantendo de outros congressos anteriores (pelo menos desde Copenhaga, em 2008). A reduzida atividade e invisibilidade internacional da secção portuguesa do IBBY, inativa durante vários anos e refeita em 2011 (e desde aí só teve intervenção conhecida na Feira do Livro de Bolonha em março de 2012), não ajuda na divulgação do evento em Portugal, incentivando a participação de investigadores e outros profissionais ligados ao livro e à literatura para a infância. Os custos proibitivos da inscrição, sobretudo no momento presente, poderão também afastar alguns interessados. Face ao estado de coisas atual, estamos em crer que, se nada for feito com vista à melhoria da situação, no próximo congresso, na cidade do México (em setembro de 2014), o número de participantes portugueses e a visibilidade da literatura infantil portuguesa ainda será menor.



Poster português

1 O discurso da escritora argentina pode ser lido integralmente em
<http://www.dondevivenloslibros.com/2012/08/discurso-de-maria-teresa-andruetto-al.html>

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro
anamargarida@ua.pt

Uma viagem no som das palavras: ao encontro das XII Palavras Andarilhas



Jardim Público de Beja: é sábado de manhã. O Miguel Horta está sentado na esplanada. Terminada a oficina “Fora de Cena Quem não é de Cenas!”, uma atividade de escrita para teatro, o mediador, escritor e pintor conversa com quem ficou sobre o projeto do Moínho da Juventude, na Cova da Moura, sobre o crioulo de Cabo Verde, a língua portuguesa e a lusofonia... Uma senhora para e fica de pé, mantendo a distância segura de quem ouve mas não se infiltra.

Alguém a convida a sentar.

Passada uma hora, a senhora tem de partir. Agradece, emocionada, ao Miguel Horta, todas as histórias de vida que foi contando, as experiências que

naturalmente partilhava.

Assim são as Palavras Andarilhas. Cruzamentos que a escolha do Jardim Público potenciou, pela dimensão do espaço, pelo constante movimento entre bancas, tendas, auditórios.

A cada passo, uma paragem. Como o discurso, qualquer que seja, que sempre chama a si desvios da memória, da associação, do sentido.

O cenário habitado reproduziu integralmente os processos da comunicação e da criação, aqueles em que se progride e retrocede, em que um estímulo leva a outra ideia, em que nos centramos num poema, ou numa instalação, e de repente alguém aparece e nos convida a mudar de direção.

A urgência de agarrar

À chegada, com o programa de quatro dias na mão, é inevitável sentirmos uma desordem, uma incapacidade perante tudo o que se oferece e a urgência de delinear um plano. Escolher. E saber, logo à partida, que não vamos poder ver tudo, estar em todos os lugares, participar de todas as experiências possíveis.

Assim são as Palavras Andarilhas. Cruzamentos que a escolha do Jardim Público potenciou, pela dimensão do espaço, pelo constante movimento entre bancas, tendas, auditórios.

Há quem confesse gostar da sensação. Há quem confirme que o mesmo se sente noutros encontros de Narração Oral. Sabe quem já lá esteve que no fim de tudo, nem sequer é bem assim. Em Beja, apesar da confusão mental no primeiro momento, a organização oferece pausas no programa de tertúlias, lançamentos, sessões de narração. Uma hora que pode ser preciosa para visitar o Mercadinho Andarilho, com artesanato, iguarias para o palato e contos, claro está. Também nos podemos perder no Mercado do Livro ou simplesmente acorrer à carrinha da Biblioteca Itinerante e requisitar um mp3 para ouvir, algures

pelo jardim, os audiolivros da BOCA.

Eis senão quando, algures na Cave da Biblioteca Municipal, entramos numa outra dimensão. Dentro de sete malas abertas desvendam-se preciosos artefactos que as transformam em histórias de vida: um dentista, um fotógrafo, uma artista, um relojoeiro, um médico, um trolha. Queremos tocar, queremos saber o que nos contam os objetos, religiosamente arrumados no seu lugar. Há malas para todos os gostos, com gavetas, compartimentos e fechos diferentes. Em

comum, a antiguidade. Tudo ultrapassa a superficialidade da moda vintage para entrar numa intimidade de documentos pessoais, um frango em gestação conservado em formol ou um gira discos que toca ininterruptamente. Fotografias, espelhos, placas dentárias, rolos, crucifixos... Uma panóplia de vestígios de uma história. A propósito desta assemblage de Jorge Pereira, há textos de António Torrado, Luísa Ducla Soares, António Mota, Margarida Fonseca Santos, Isabel Minhós Martins, Miguel Horta e Rodolfo Castro, que leram

com os seus olhos cada uma das malas, em poemas, narrativas ou introspeções.

Queremos tocar, queremos saber o que nos contam os objetos, religiosamente arrumados no seu lugar.

Seguem-se mais três exposições. São três da tarde e está fresquinho ali dentro. Às ilustrações de Susa Monteiro, Eugénio Roda responde com aforismos que reconfiguram animais quase mitológicos numa teia de novos sentidos para os comportamentos humanos. António Portillo revela,



em “Arquivo de Gestos Emocionais”, expressões faciais comprometidas com a biografia e a dupla Gémeo Luís/ Eugénio Roda dá um “Concerto a Duas Mãos”, construindo um mundo aquático onde os peixes voam mais alto que aqueles que os observam.

Com o calor seco do baixo Alentejo, sabe ainda melhor observar na sombra, demoradamente, estes estímulos. Naquele silêncio, todos temos oportunidade de contarmos, ainda que a nós próprios, uma história qualquer.



Susa Monteiro e Eugénio Roda

Marcar o encontro

Mas, ou não fosse um encontro andarilho, é preciso chegar. Para isso, logo na 5ª feira, a reunião faz-se à porta do Jardim Público e ruma-se, com cadeias improvisadas, ao espaço sagrado. E, para que os participantes se sintam parte da comunidade, logo na abertura, faz-se o juramento andarilho.

Começam então as conversas, e logo a narração oral, a muitas vozes, com muitas origens e muitos estilos diferentes. Há contos de fadas por Marina

Colasanti, histórias do património oral português com António Fontinha e as suas suspições narrativas. Elsa Serra opta pelos contos curtos, que escolhe entre a literatura e a recolha etnográfica.

Mesmo que depois se intercale stand up com contos tradicionais, e se vá às lágrimas de tanto rir com Jorge Serafim, as vitaminas que fugiram das garrafas de sumo, as promoções do minipreço, ou o peixe que acaba por voar depois de um insólito pedido de namoro, tudo obedece a um ritual.

A cada contador, seja ele estrepante ou catedrático das noites andarilhas, Cristina Taquelim faz questão de oferecer uma pedra: “Para marcar o caminho de regresso a Beja.”



O público que encheu o Auditório

Num auditório com mais de quatrocentas cadeiras, as pessoas aglomeram-se onde ainda há uma nesga para espreitar os contadores que se sucedem à frente do coreto iluminado. Os sentidos aguçam-se e os ouvidos veem. De uma receita de açorda a um príncipe lagarto, todos os imaginários cabem nas vozes dos contadores.

De repente, Cristina Taquelim sobe ao palco e faz um pedido, que soa quase como um imperativo moral: “Peguem nos telemóveis e escrevam: «Amanhã marcamos encontro no Jardim Público de Beja.»”. Porque todos ainda serão poucos, porque se quer deste Festival que seja do mundo, tanto quanto da cidade.



Jorge Serafim

Olhando à volta percebemos que a luta, que nunca está ganha, se vai ganhando, ao vermos famílias, várias, com crianças que, menos resistentes ao tiquetaque do relógio, se aconchegam no colo dos pais enquanto a voz e a história os embala. E a noite, que são três noites, continua.

Segue-se, por exemplo, a tragicomédia dos animais que Rodolfo Castro conta ter recebido num aniversário, que acabam bem mortinhos, com destaque para o gato que, apesar das sete vidas, tem muito, mas mesmo muito azar.

Reconhecem-se esqueletos, como na história de Michael Harvey, sobre o príncipe que descascava batatas e era preterido pelo rei, e vem a ser, no final, escolhido para seu suces-

sor, depois de se encantar por uma sapa muito sábia. Ouvem-se histórias pela segunda vez, como a de *Juliana*, por Luís Carmelo, que a contara à tarde, numa das mais emocionantes sessões de contos destas XII Palavras Andarilhas, e não importa. Quem estivera na apresentação de *Contatinas*, o mais recente audiolivro da BOCA, e ouvira durante uma hora a concertina melancólica do contador, acompanhada pela cadência doce da sua voz, gosta de repetir a experiência. Porque Juliana será, quando menos se espera (o tempo tem destas coisas), livre e feliz. E é sobre essa inevitabilidade, que traz a vida e a morte, o amor e a perda, o encontro e o desencontro, que se tecem a maioria destas narrativas. Sobre a vida. Nada há de mais emocionante, de mais cruel, de mais irónico. Logo humorado, contingente e nostálgico.

Assim são as Andarilhas: uma suspensão desse quotidiano para ouvir contá-lo, seja de aqui, de agora, ou de antes e de longe, muito longe...

No seu livro *A Intuição Leitora, a Intenção Narrativa* (Gatafundo), que também apresentou nas Andarilhas, Rodolfo Castro afirma o seguinte: “Se a leitura em qualquer das suas formas é um ser intangível, a leitura em voz alta exige um ato de criação: uma ilusão sonora que possa ser vista. Não se lê em voz alta para se ser escutado,

lemos em voz alta para que os que nos escutam vejam o som, nele se abriguem, o habitem”.

Nem mais.

Andreia Brites

A cada contador, seja ele estrepante ou catedrático das noites andarilhas, Cristina Taquelim faz questão de oferecer uma pedra: “Para marcar o caminho de regresso a Beja.”

Instantâneos:



Miguel Horta, barqueiro contador de histórias



Poesia a la Carte pela Andante

Destaques

Som e memória para habitar palavras



Rodolfo Castro (à dir.) com Vergílio Alberto Vieira em Beja

“Este não é um manual de actividades nem um ensaio, muito menos um guia de ajuda para se transformar alguém num bom leitor. De facto, não é mais que uma conversa, que espero que ajude a acender os mecanismos da dúvida e da autocrítica: tanto a minha como a de quem se reconheça destinatário destas palavras.”

A leitura confirma as palavras iniciais de Rodolfo Castro que narra, em *A Intuição Leitora, A Intenção Narrativa* (Gatafunho), a sua experiência de narrador oral, urbano “por decisão”.

Ao assumir sem eufemismos uma posição relativamente à leitura e à narração oral, toca em pontos sensíveis como a promoção, o acto de ler, a educação e, como eixo maléfico, a permanente imposição pelos adultos mediadores (professores e pais) de limites à imaginação e à expressão.

A memória é um dos fios condutores da obra e um dos valores defendidos pelo autor: quem não tem memória não tem história, quem não tem história não tem palavras.

“Quando lemos em voz alta para os nossos filhos antes de nascerem, aumentamos potencialmente a sua capacidade linguística, para que assim nomeiem um mundo muito mais generoso e complexo. Quanto mais vasto for esse mundo

mais oportunidades de vida e desenvolvimento terão. Serão mais livres, poderão ir mais longe e sobretudo... terão memória.” (p.55)

Por memória, entendamos uma apropriação do mundo, inevitavelmente subjectiva, condicionada pela apreensão sensorial e pela construção que a nossa imaginação erige, em cada momento. Não se trata, por isso, de um processo de reprodução fidedigna e sim de uma recriação. O fragmento, o flash, a associação de um cheiro, uma imagem, uma situação a outra, isso provém da memória.

Na segunda parte do livro, “A intenção narrativa”, Castro explica como funciona o processo de escolha, assimilação e narração oral dos textos que escolhe: com a leitura e releitura assimila emoções, sensações, vivifica personagens e lugares. Por isso leva consigo o texto em viagens quotidianas, à procura dele nos outros e em si. Memoriza o texto, no sentido de saber de cor. Mas saber de cor é saber com o coração, e é isso que permite a qualquer bom narrador não hesitar num momento em que o texto se lhe varre do espírito. A memorização é uma experiência e não um mecanismo de repetição automática.

“Não é necessário fazer nenhum esforço para recordar, porque a memória não se concentrou no que era intelectual. Flui, é sons, cheiros, sabores, contactos, emoções, imagens, significados. (...)”

“Sempre que conte esse conto far-se-á como se fosse a primeira vez. Será como contar a distintos interlocutores algo que se passou connosco ou que presenciámos. Contar-se-á sempre o mesmo, mas de cada vez será diferente, porque o contexto narrativo varia e nem o público nem nós somos sempre os mesmos” (p.124)

Tão importante como a memória é o som das palavras, o som que o leitor lhes oferece e as enche de emoção. Para ler em voz alta, como para narrar, o leitor tem de entrar no texto e senti-lo, ou correrá o risco de o debitar de forma asséptica, monocórdica e imperceptível. O som é um

elemento de aproximação ao outro, que escuta, porque lhe capta a atenção e o mobiliza para as suas próprias sensações de identificação, espanto, curiosidade, medo, repugnância... Há uma organicidade nas palavras que o som materializa, e que deve ser cuidadosamente descoberta a cada leitura.

O argentino, que começou a narrar no México e hoje vive em Portugal, abre as portas para que os leitores pensem e descubram tudo o que subjaz à narração oral, embora apenas a partir de uma única experiência. Terminada a leitura, estamos certos de que muito mais haverá a dizer, muitas outras perspectivas e metodologias.

Este livro, que a Gatafunho edita em Portugal, é uma versão actualizada de um outro, publicado há oito anos no México. Na apresentação, Rodolfo Castro assumiu-o como uma necessidade pessoal, em busca da sua própria memória.

Para a edição de livros sobre promoção da leitura em Portugal, que é praticamente nula, foi um contributo assinalável não apenas no que concerne a narração oral e a sua valorização, mas também na defesa da liberdade de relação entre cada sujeito, desde que nasce, e o mundo, nas suas mais diversas manifestações.

A Intuição Leitora, A Intenção Narrativa,
Rodolfo Castro, Gatafunho

Book of the Year 2012, pela CBCA



The Children's Book Council
of Australia

O CBCA Book of the Year é uma iniciativa da Children's Book Council of Australia, uma organização não lucrativa que tem como principal objetivo divulgar e promover a leitura junto de crianças, jovens e mediadores. O prémio, que nasceu em 1946, apresenta-se hoje num formato distinto do da primeira edição. À data, apenas um livro era eleito como o melhor do ano.

Atualmente existem cinco categorias, que correspondem a um de dois critérios: competência de leitura ou tipo de livro. Na página do site onde se anunciam vencedores e menções honrosas, explica-se sumariamente a quem se destinam. Se por um lado não é difícil perceber que a categoria "older readers" reporta a jovens leitores, da mesma forma como a categoria "younger readers" se destina a leitores autónomos e "early childhood" a pré-leitores ou leitores iniciais, é agradavelmente surpreendente que a categoria do "picture book" inclua álbuns para leitores entre os 0 e os 18 anos, tal como acontece com a categoria dos livros informativos, com o nome de Eve Pownall (que surgiu por iniciativa da sua família). A emancipação do álbum da catalogação etária é saudável e amplia o mundo dos seus potenciais leitores, pelo que os critérios para a criação destas categorias parecem muito acertados.

De entre os escritores e ilustradores dos 14 livros distinguidos, ressoa o nome de Sonya Hartnett, vencedora do prestigiado Prémio ALMA, em 2008, desta feita com uma menção honrosa para o livro *Come Down, Cat!* (Puffin Books). Todos os autores são de origem australiana e os temas variam entre a exploração das relações familiares, a guerra, a luta pela sobrevivência de uma comunidade... Afetos, tensões, humor, situações inusitadas são temas e abordagens universais que cabem nestes livros com qualquer coisa de singular.

http://cbca.org.au/Winners_2012.htm#or

III Festival de Literatura Infantil Monteiro Lobato

Pela terceira vez, o Município onde nasceu e viveu o incontornável autor de literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato, comemorou a sua obra e promove a leitura.

A edição deste ano do Festival de Literatura Infantil Monteiro Lobato, entre 30 de agosto e 2

de setembro, destacou o seu legado, como forma de assinalar os 130 do nascimento do autor, que se cumprem em 2012.

Para além da sessão de homenagem, que abriu o Festival no sábado e contou com a presença da neta do escritor e com a proprietária do Sítio do Picapau Amarelo, houve ainda o lançamento do livro Monteiro Lobato, Cidade e Escritor, do jornalista André Barreto, um encontro de escritores em torno da experiência de Monteiro Lobato no povoado de Buquira e muitas iniciativas levadas a cabo por grupos de estudantes e associações locais, do teatro à dança e à narração.

Outro momento de grande destaque, a fechar o festival, foi o encontro com Ziraldo, um dos mais famosos escritores brasileiros para a infância, autor de O Menino Maluquinho, cuja adaptação ao cinema também passou no certame.



http://www.monteirolobato.sp.gov.br/pagina.php?pag=outras_IIIFestivaldeLiteratura

A singela essência humana

O som é docemente melancólico, e com ele traz a inevitabilidade. Do tempo, da morte, das pequenas grandes quezílias de uma vida... Homens, mulheres, lobos que são cães, trajas e penteados, e uma história com bolachas... E uma espécie de nuvem que desfoca o lugar e o tempo de cada história. Assim é o audiolivro Contatinas, com contos narrados pelo contador e investigador português Luís Correia Carmelo ao som da sua concertina e dos objetos de Nuno Morão,

que apelam aos sentidos sonoros que sempre pontificam qualquer episódio da vida.

A concertina interpela a voz e continua-a, nos momentos de suspensão narrativa. Mais do que um separador, a música define os momentos de clímax, os de lentidão e velocidade. Como em muitos contos de tradição oral, a repetição marca a cadência e alimenta a tensão e, nesta combinação, a música enfatiza todo o processo narrativo. Tem ainda um papel decisivo na visualização de cada momento, peripécia ou situação, pelo contexto emocional que cria, pelo diálogo que estabelece.

Nestes contos, há encontros amorosos, divergências políticas, rivalidades sem razão, vaidades, mal entendidos, humor e claro, amores não correspondidos. Os finais não oferecem condescendência, são o que têm de ser, sejam felizes, infelizes ou simplesmente mortais.

Alguns, como “Júlia” ou “Matilde” são singelas comédias de enganos: a primeira pensa que o desconhecido com quem partilha a mesa terá abusivamente comido as suas bolachas enquanto a outra assume que um cavalheiro a galanteia quando ele apenas se interessa pelo seu próprio reflexo.

Outros encerram filosofias de vida, como a história do “Narrador” que termina assim: “- Sabes? No princípio eu contava histórias para mudar o mundo. Agora, conto histórias para que o mundo não me mude a mim.”

Comum a todos é o espaço comunitário da vila ou da aldeia, e algum arcaísmo no tratamento coloquial, o que contribui para a identidade desta obra, escrita pelo próprio Luís Carmelo.

A edição do audiolivro é da BOCA, o quarto na sua coleção HOT (histórias oralmente transmissíveis), que regista histórias do património de tradição oral, seja português, brasileiro, europeu ou africano. Em parceria com o IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional), a BOCA já editou Era, não Era? que reúne nomes

como Cristina Taquelim, Carlos Marques, Cláudia Fonseca, Thomas Bakk, Rodolfo Castro e o próprio Luís Carmelo; um videolivro intitulado *Anda cá que eu já te conto*, uma antologia de contos e contadores alentejanos em versão trilingue, e ainda *O Mistério do Coiso e Outras Histórias*, do brasileiro Thomas Bakk.

Todos os audiolivros podem ser adquiridos no site da editora, em formato mp3 ou em cd e livro.



<http://www.boca.pt/inicio.html>

A large, stylized white letter 'F' is centered on a black rectangular background. The letter is highly decorative, featuring a thick vertical stem and horizontal bars. The top bar curves into a large, elegant loop that extends to the right. The bottom bar also curves into a smaller loop that extends to the left. The overall style is reminiscent of a calligraphic or gothic font.

Saramaguiana

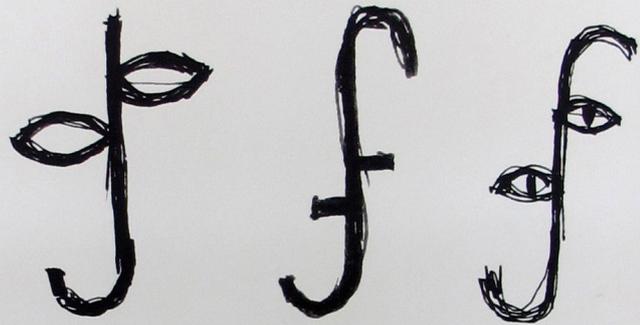
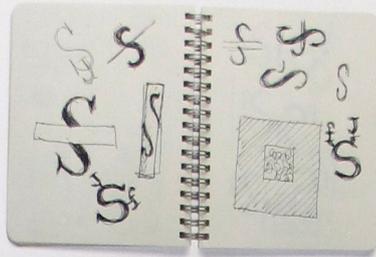
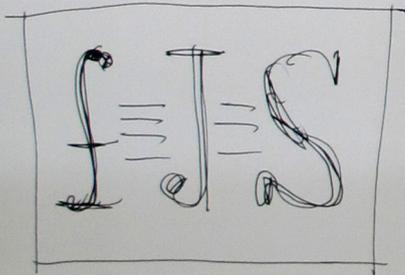
*A construção de um logo,
a definição de uma imagem.*

Aqui se documenta o processo
de trabalho do designer
Manuel Estrada para a
concepção do logótipo
da Fundação José Saramago,
que integra a exposição
Onde nascem as ideias.
Cadernos de Equilibrista.
Manuel Estrada,
patente no MUDE, em Lisboa,
até ao dia 23 de setembro.

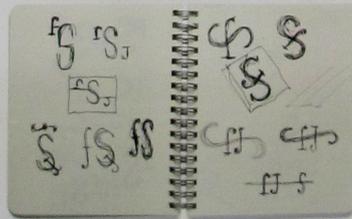
Onde Nascem as Ideias é uma exposição cujo ponto de partida são 50 cadernos de desenhos de Manuel Estrada, resultado de mais de 10 anos de actividade do seu estúdio. Trata-se de uma instalação gráfica com uma forte identidade visual e interactividade, o que possibilita a todos os visitantes descobrirem a importância do desenho no processo criativo e projectual do design. Ganha aqui redobrada importância pensar sobre o significado do desenho manual.

Depois de ter passado por Berlim e Helsínquia, capital mundial do design 2012, e antes da sua ida para Miami, *Onde nascem as ideias. Cadernos de Equilibrista. Manuel Estrada* chega a Lisboa, tendo sido redesenhada especificamente para o piso 3 do MUDE e integrando, pela primeira vez, as ilustrações de Manuel Estrada para *A viagem do Elefante*, de José Saramago.

<http://www.mude.pt>

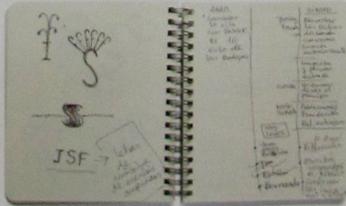


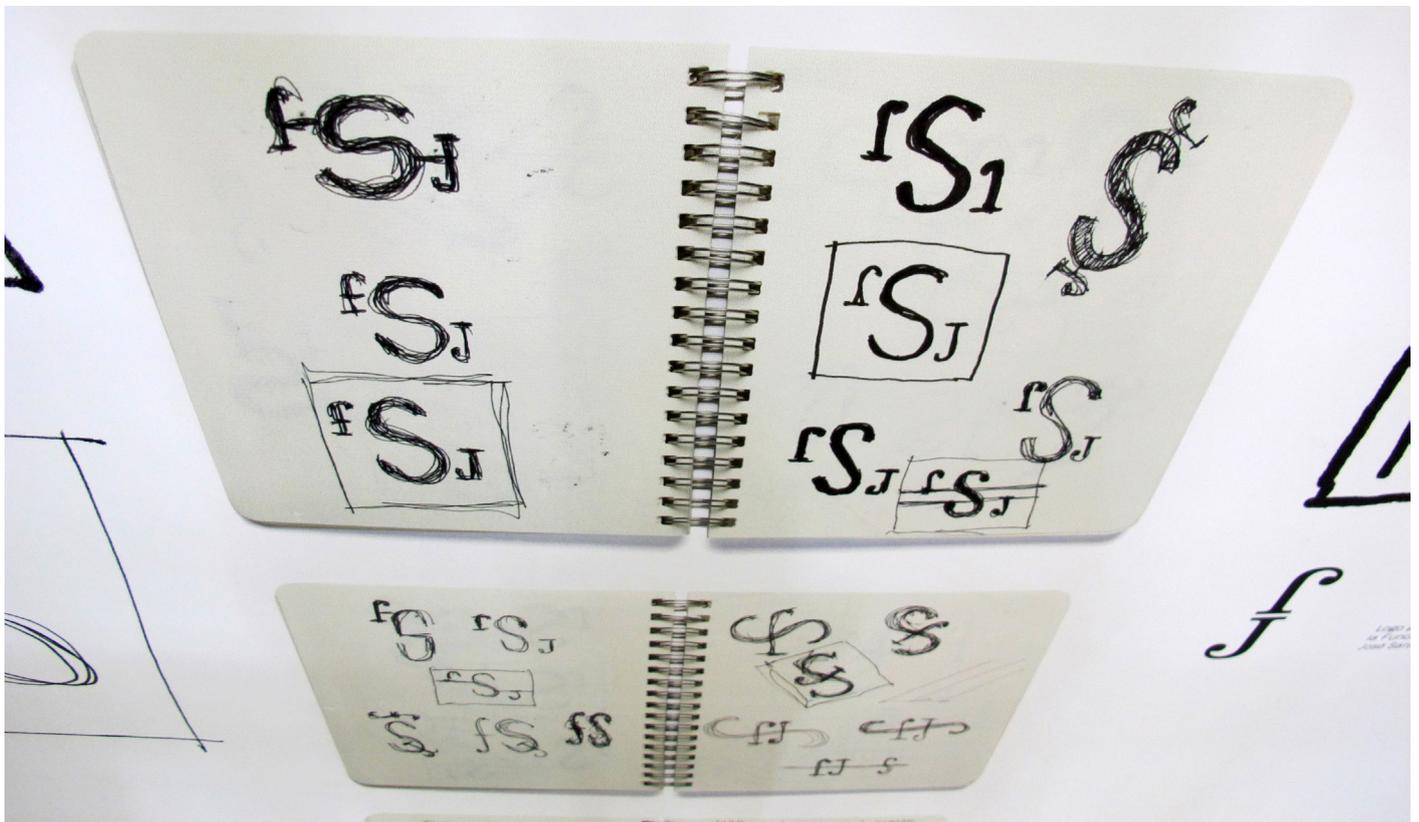
JOSE
SARA
MAGO



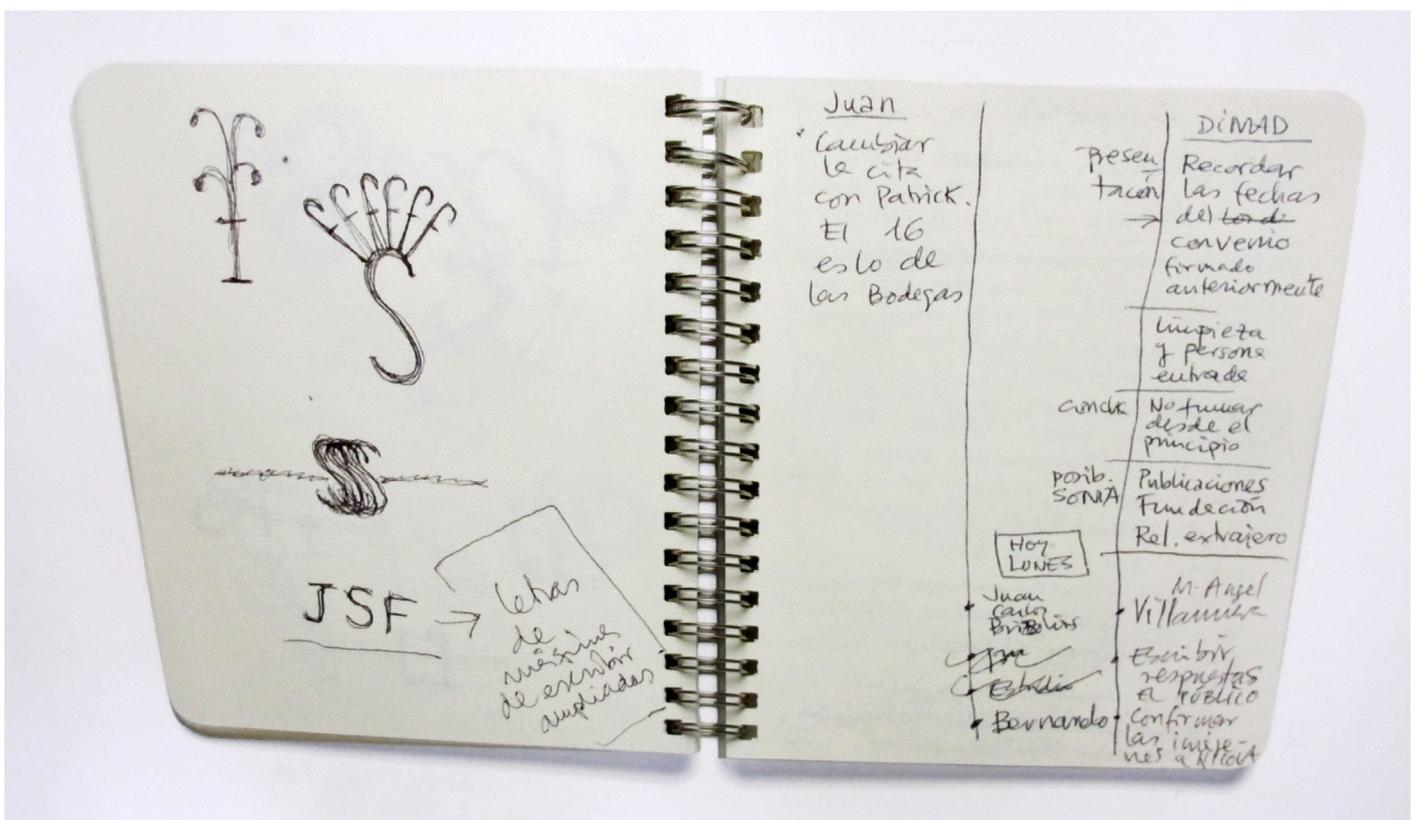
f

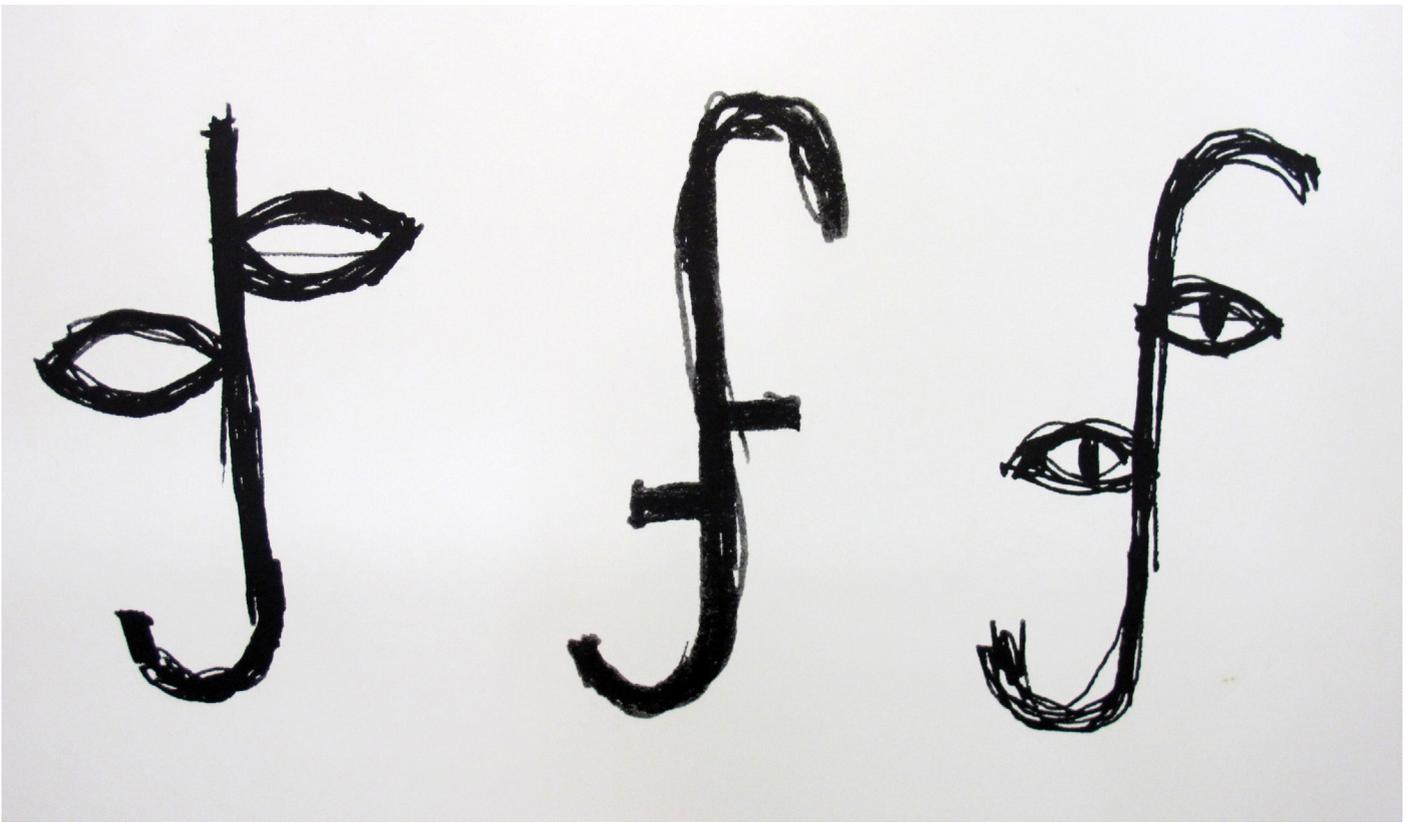
Logo 2018
da Fundação
José Sarney



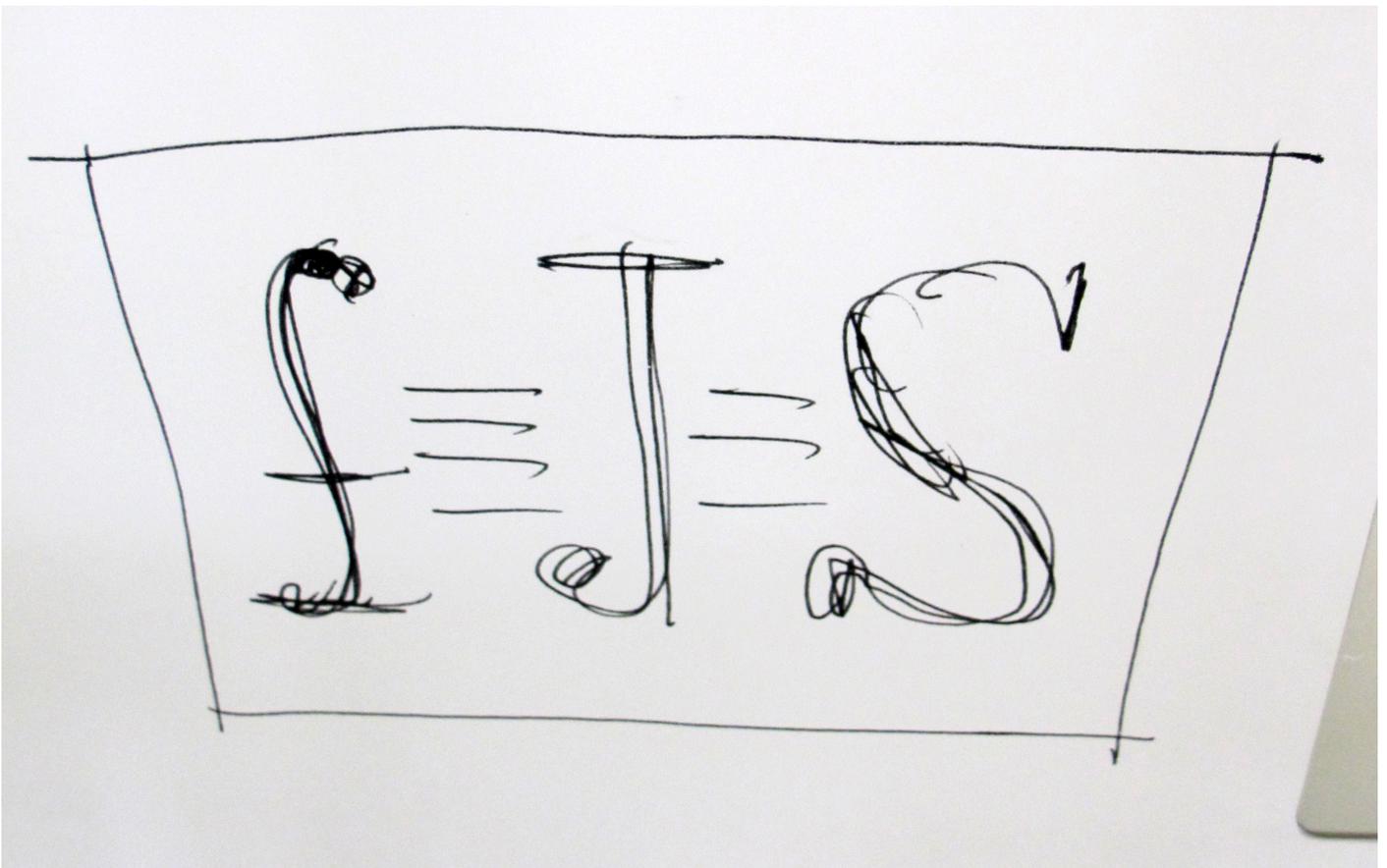


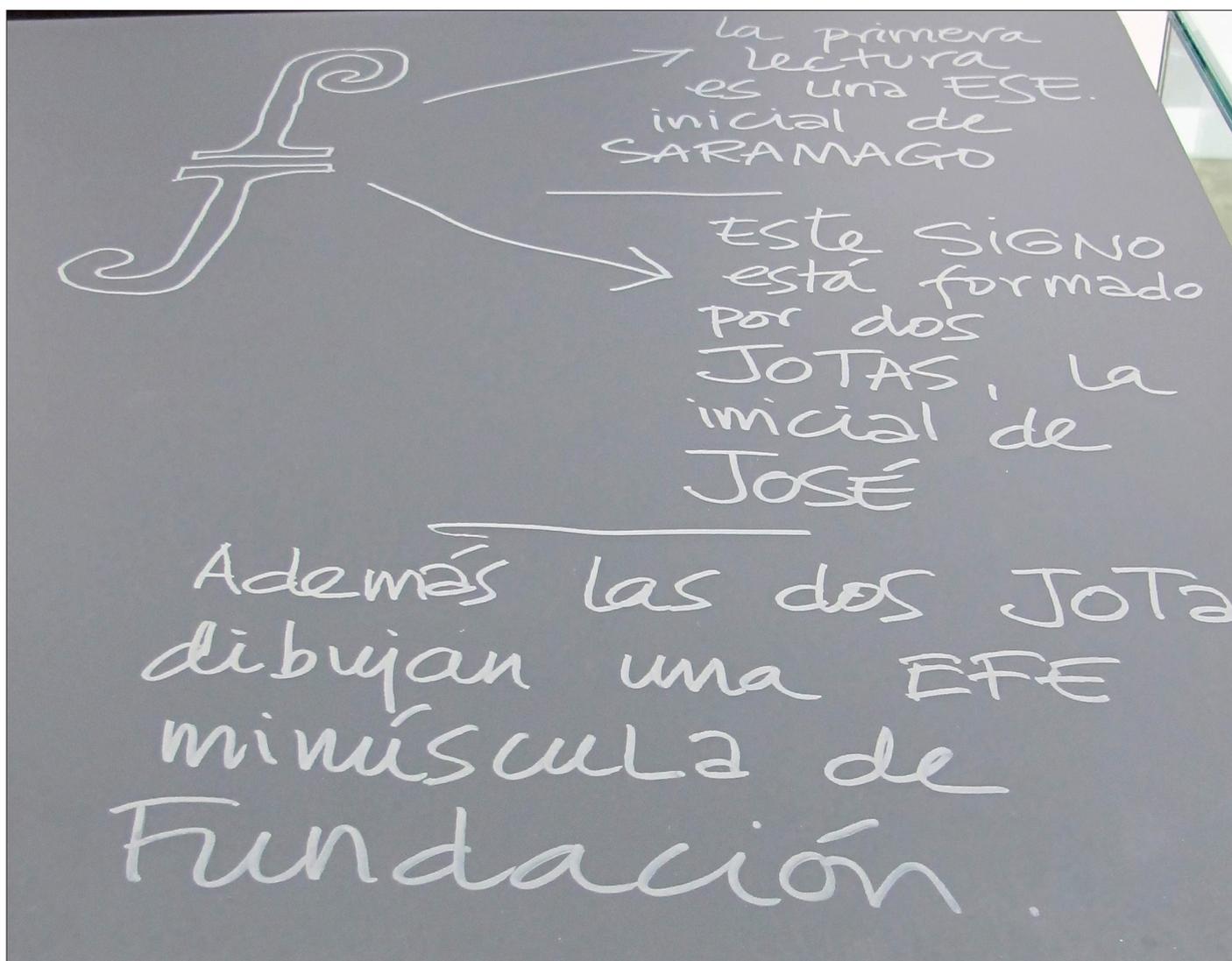
Uma marca pode ser feita apenas com letras.
 Pode desenhar-se com as letras.





Lemos como se fosse um texto mas analisamos a forma como se fosse um desenho. Assim temos duas leituras: uma tipográfica outra icónica.





A primeira leitura é um "S" inicial de Saramago.

Este signo é formado por dois "J", a inicial de José.

Os dois "J" desenharam um "F" de Fundação

Manuel Estrada é autor de um conjunto de capas de edições de obras de Saramago em Espanha, na Alfaguara. A exposição agora patente no MUDE mostra a quase totalidade desse trabalho, com destaque para as ilustrações da edição especial de *A Viagem do Elefante*, publicada nos 50 anos da editora, e de *O Silêncio da Água*, ed. Libros del Zorro Rojo. A Saramaguiana apresenta alguns desses trabalhos.



O Ano da Morte de Ricardo Reis



A Jangada de Pedra



Objeto Quase



A Caverna



As Pequenas Memórias



Ensaio sobre a Cegueira



O Silêncio da Água



O Silêncio da Água



O Silêncio da Água



O Silêncio da Água



A Viagem do Elefante



A Viagem do Elefante

Agenda

III Encontro de Escritores de Língua Portuguesa
Encontro promovido pela UCCLA, União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa. De 15 a 17 de outubro em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

<http://www.uccla.net/>

Hélio Oiticica – Museu é o mundo.



Exposição da obra do artista brasileiro. Museu Berardo, Lisboa. De 21 de setembro a 6 de janeiro de 2012.

<http://www.museuberardo.pt/>

Festival Literário Leya no Rossio.

Feira do livro, conversas com escritores brasileiros e portugueses, sessões de poesia, teatro e música ao vivo. De 21 a 23 de setembro, na Praça do Rossio, em Lisboa.

<http://www.anobrasilportugal.blog.br/>

Apresentação Edições Positivas

A editora galega Edições Positivas apresenta os seus títulos mais recentes em Portugal. 22 de setembro, Livraria Porta XIII, Vila Nova de Cerveira.

<http://www.edicionspositivas.com/>

Concerto com Ney Matogrosso e Monobloco.

Inserido na programação do Ano do Brasil em Portugal. 22 de setembro, 22h00, Terreiro do Paço, Lisboa.

<http://www.anobrasilportugal.com.br/>

Gauguin y El Viaje a lo Exotico



Exposição referente ao período de Paul Gauguin no Tahiti. Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid. De 9 de outubro a 13 de janeiro de 2013

<http://www.museothyssen.org/>

A Función do Tequilla.

Peça de Manuel Guede distinguida com o Prémio Rafael Dieste 2011. Coprodução do Teatro do Morcego e do Teatro-Circo de Braga. 26 e 27 de Setembro, 21h, Teatro Principal, Santiago de Compostela.

<http://www.culturagalega.org/axenda/>

30ª Bienal de São Paulo

Exposições, seminários, performances e encontros. Até dezembro de 2012, no Parque Ibirapuera – Pavilhão da Bienal São Paulo

<http://www.bienal.org.br/>

Milton Nascimento: Nada será como antes — O musical

Espectáculo de homenagem a Milton Nascimento, nos seus 70 anos de vida. Até 25 de novembro, no Theatro Net Rio, Sala Tereza Rachel, Copacabana, Rio de Janeiro. opacabana | Tel. 2147-8060

www.theatronetrio.com.br

Gaiteiros de Lisboa

Concerto na Casa da Música, Sala Suggia. 10 de outubro, 21h00. Porto.

<http://www.casadamusica.com/>

Ainda não é o fim.

Peça do grupo de teatro O Bando a partir da obra de Manuel António Pina. De 11 a 14 de outubro, no Teatro Nacional de S. João, Porto



BLIMUNDA

